

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

RONAYRE NUNES AGUIAR

SÉRIES, NOVELAS E ENTRETENIMENTO

Produção de conteúdo cultural em jornais brasileiros e norte-americanos

BRASÍLIA

2018

RONAYRE NUNES AGUIAR

SÉRIES, NOVELAS E ENTRETENIMENTO
Produção de conteúdo cultural em jornais brasileiros e norte-americanos

Monografia apresentada à banca examinadora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação do professor Sérgio Araújo de Sá.

BRASÍLIA
2018
RONAYRE NUNES AGUIAR

SÉRIES, NOVELAS E ENTRETENIMENTO
Produção de conteúdo cultural em jornais brasileiros e norte-americanos

Monografia apresentada à banca examinadora da
Faculdade de Comunicação da Universidade de
Brasília, como requisito parcial para a obtenção
do grau de Bacharel em Jornalismo.

Brasília, novembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sérgio Araújo de Sá – Orientador (FAC/UnB)

Prof. Msc. Cláudio Ferreira – Membro externo

Prof. Dr. Paulo Roberto Assis Paniago – membro (FAC/UnB)

Prof^a. Dra. Ana Carolina Kalume Maranhão – Suplente (FAC/UnB)

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, por sempre estar ao meu lado e me permitir entrar nessa jornada da graduação e por ter entendido quando fiz uma escolha errada de curso. Espero um dia ser capaz de retribuir todos os sonhos que você abriu mão pela minha felicidade.

Ao meu padrasto, pelo auxílio diário – e até inconsciente – em tantos sentidos. Raramente falo “obrigado”, mas essa gratidão existe.

Aos meus avós, primeiramente por toda a ajuda que empreenderam a minha mãe, e por sempre me lembrarem do valor da educação.

Aos meus amigos, Acácia e Rafael por terem me recebido – com todos os meus problemas – ainda no ensino fundamental. A Alice e Lorany pela cumplicidade e pela permanente certeza de que tudo ficará bem. Ao Vinícius, Matheus, Camila Alves, Camila Beatriz, Larissa, Emilly, Giovanna e Diego por sempre me ensinarem a rir dos problemas da vida. A toda Facto – Agência de Comunicação pelos prazeres, ensinamentos e amizades. A Beatriz, pela honestidade (independente de qualquer coisa) e pelo suporte.

Aos profissionais que conheci ao longo de quase dois anos trabalhando em uma redação de jornal diário. Vinicius, Adriana, Ricardo, Alexandre, Anderson, Ana Carolina, Irlam e Nahima, vocês me ensinam sobre jornalismo e me inspiram todos os dias. A todos os outros incontáveis estagiários com quem tive o prazer de trabalhar neste período, por sempre me lembrarem do fato de que eu não estava sozinho.

Aos meus professores, por toda a dedicação, perseverança, espírito solidário e educador, principalmente pelo fato de se dedicarem tanto em um país que ainda não sabe respeitar tais qualidades. Especialmente ao professor Sérgio de Sá, por se dispor a esta orientação, pela paciência, empenho e por toda gentileza nos momentos em que eu me sentia inseguro.

A Deus pela força e pelo caminho.

RESUMO

Este trabalho se dedicou a uma análise – no período de três meses do ano de 2017 –, em quatro jornais, dois brasileiros e dois norte-americanos, dos textos que abordaram conteúdo televisivo ficcional e roteirizado, isto é, séries e novelas. Mais do que apresentar as principais diferenças e semelhanças entre os periódicos, a monografia faz uma reflexão sobre como tais conteúdos são apresentados diariamente no jornal impresso, tendo em vista a evolução histórica e a importância social do jornalismo cultural. A partir da análise, foi observado que, mesmo em um país tão popular no gênero das telenovelas como o Brasil, os jornais preferem reportar mais sobre séries, e mais especificamente sobre as estreias delas. Também foi possível perceber o quanto os jornais brasileiros preferem integrar o conteúdo dos textos sobre novelas e séries a referências da própria televisão, enquanto os periódicos norte-americanos voltam-se mais para as referências sociais e comunitárias.

Palavras-chave: jornalismo cultural; televisão; narrativa ficcional; Brasil, Estados Unidos

Abstract: This work was dedicated to an analysis – in the three-month period of 2017 – in four newspapers, two brazilians and two americans, of texts that dealt with fictional and scripted television content, that is, TV shows and *soap operas*. More than presenting the main differences and similarities between the journals, this work reflects on how these contents are presented daily in the printed newspaper, considering the historical evolution and the social importance of cultural journalism. From the analysis, it was observed that, even in a country so popular in the “*soap operas* genre” as Brazil, newspapers still prefer to report more on TV show, and more specifically on their debut. It was also possible to see how the brazilian newspapers prefer to integrate the content of texts about *soap operas* and TV shows with references of television itself, while the American newspapers turn more to social references.

Keywords: cultural journalism; television; fictional narrative; Brazil, United States

SUMÁRIO

1. Apresentação	7
2. Pesquisa e objetivos	9
2.1 Pergunta de pesquisa	
2.2 Objetivo geral	
2.3 Objetivos específicos	
3. Estrutura do trabalho	10
4. Revisão teórica	11
4.1 Análise de conteúdo – princípios	
4.2 A hipótese de agenda setting	
4.3 Mídia e a importância do conteúdo cultural	
4.4 Por que séries e novelas?	
5. Jornalismo cultural e produção televisiva	16
5.1 Breve histórico	
5.2 Contemporaneidade	
5.3 Em números	
6. Televisão e jornal impresso	23
6.1 Procedimentos metodológicos, panorama geral da análise e hipóteses	
6.2 Principais resultados, séries e novelas no jornal	
6.3 Extensão dos textos	
6.4 Presença de fontes no texto	
6.5 Os gêneros textuais	
6.6 “Estreia”, o prato principal dos textos sobre televisão	
6.7 O que os dados querem dizer	
7. Internacional x nacional: diferenças	39
7.1 Contextos	
7.2 Tudo questão de abordagem	
8. Considerações finais	42
9. Referências bibliográficas	45
10. Anexos	47
11. Gráficos	65

1. APRESENTAÇÃO

A produção televisiva de cada país aponta para singularidades da atração que o entretenimento proporciona a cada cultura. O jornalismo cultural tem como um dos objetivos reportar parte desta produção. Piza (2004, p. 8) explica que a delimitação do que é “jornalismo cultural” é muito difícil, e que guarda pontuações históricas, culturais e de conteúdo: “O jornalismo cultural deve receber um tratamento diferenciado, mas recusa a noção de que seja fácil e simples. Há grandes questões para ele enfrentar. A maior delas, talvez seja a infinidade de oposições, de polarizações”. Então ele deve apontar tais distinções.

Dentro desta vertente, o trabalho buscará apresentar uma reflexão acerca da informação noticiada sobre a produção televisiva ficcional e roteirizada – popularmente denominadas como séries ou novelas – em jornais impressos. Importante frisar a palavra “reflexão” e não somente análise. Além dos dados levantados, o trabalho se propõe a discussão do que tais dados podem dizer sobre como os jornais impressos veem parte da produção televisiva.

Empiricamente, os jornais analisados foram quatro: *Correio Braziliense* e *O Globo* (no campo nacional), *Los Angeles Times* e *The Washington Post* (na esfera norte-americana). A escolha de tais jornais se deu por distintas razões. A primeira, e talvez mais relevante, resume-se ao fato de tentar entender as principais semelhanças e diferenças entre a cobertura de produções televisivas ficcional e roteirizada no contexto brasileiro e no país de maior potência neste tipo de produção no mundo.

Além disso, a escolha viabilizou-se por outras razões:

1) São jornais que abrangem uma divisão por editorias, ou seja são jornais com espaço específico para cultura;

2) São jornais com semelhanças em relação a aspectos sociogeográficos do público-alvo. *Correio Braziliense* e *The Washington Post* ficam na capital dos respectivos países observados, sendo essencialmente conhecidos pelo contexto político que veiculam. Já *Los Angeles Times* e *O Globo* têm sede nos estados, dos respectivos países, em que a produção televisiva se concentra, sendo respectivamente, Los Angeles, nos Estados Unidos, e Rio de Janeiro, no Brasil;

3) São jornais com acesso possível. Os impressos estadunidenses puderam ser acessados por meio da plataforma *Press Reader*¹ (com exceção da edição dominical

¹ Pelo link <https://www.pressreader.com> (primeiro acesso em 15 de agosto de 2018)

do jornal *The Washington Post*), enquanto as edições dos jornais brasileiros puderam ser encontradas na Biblioteca do Senado Federal.

Por meio destas comparações, o presente trabalho pretende apontar as principais distinções no modo de transmitir este tipo de jornalismo cultural entre os dois países, principalmente as diferenças relacionadas a periodicidade, presença de fontes e espaço das matérias.

O recorte para tal comparação deu-se entre três meses de 2017, sendo cada mês por uma razão própria que pode ter influenciado na cobertura jornalística. Agosto: por conta do término da série *Game of thrones*, que bateu recorde de audiência para a emissora HBO. Outubro: pelo término da novela *A força do querer*, que também significou importantes números de audiência. Maio: pela busca de investigar as comparações em um mês que não guarda especificidades para a cobertura jornalística em relação a fatores factuais televisivos.

Importante citar também que a análise realizada não ignora o fato do jornal O Globo pertencer ao mesmo grupo empresarial da Rede Globo de Televisão, fato inclusive que pode explicar a presença de uma colunista diária sobre conteúdo de entretenimento televisivo neste jornal impresso, assim como a presença de uma maior variedade de autores.

2. PERGUNTA DE PESQUISA

Entre dois jornais impressos norte-americanos e dois brasileiros, quais as principais características acerca de textos sobre produção televisiva ficcional e roteirizada?

2.1 Objetivo Geral

Verificar se existem e quais são as diferenças no tratamento, por parte da imprensa norte-americana e brasileira, em relação à produção televisiva ficcional e roteirizada.

2.2 Objetivos Específicos

2.2.1 Comparar numericamente, em relação a frequência, presença de fontes e espaço, as diferenças e semelhanças entre dois veículos brasileiros e dois norte-americanos.

2.2.2 Constatar se tais diferenças são muito díspares.

2.2.3 Propor uma reflexão sobre tal comparação em relação aos produtos jornalísticos de cada país.

3. ESTRUTURA DO TRABALHO

Para apresentar os resultados da análise empreendida entre os quatro jornais estudados, a estrutura do trabalho é disposta da seguinte maneira: o próximo capítulo, intitulado *Revisão teórica*, apresenta princípios que cercam a importância da análise de periódicos (análise de conteúdo), e como o que é noticiado nesses periódicos afeta a sociedade (*agenda setting*), reflexões acadêmicas a respeito do jornalismo cultural, assim como o respaldo universitário para o estudo de conteúdos televisivos ficcionais e roteirizados.

Em sequência, será apresentado o quinto capítulo, sob o título de *Jornalismo cultural e produção televisiva*. Neste nível de discussão, o trabalho pretende apresentar um histórico sobre jornalismo cultural e da produção de conteúdos televisivos ficcionais e roteirizados, em que se justifica a importância do estudo destes, especialmente entendendo a profunda ligação social que os temas têm com a população. Ainda neste espaço, serão apresentados dados em relação à audiência dos programas, assim como características contemporâneas de sua produção.

No sexto capítulo, sob o título de *Televisão e jornal impresso*, começa a ser apresentado o exercício da análise de conteúdo de fato, assim como o processo metodológico do trabalho e os principais resultados da análise empreendida. Serão revelados alguns números em relação ao panorama geral da análise, assim como hipóteses, passando por vertentes mais específicas da análise, como a extensão dos textos observados, a presença de fontes, os gêneros textuais utilizados pelos jornais, o tema principal dos textos e um balanço geral dos dados.

No sétimo capítulo, parte desta análise prossegue na comparação entre os jornais nacionais e norte-americanos, com especial foco na abordagem da notícia – e sua complexidade – entre os veículos dos dois países.

As considerações finais, as referências bibliográficas e o anexo (com o apontamento detalhado de todas as matérias analisadas) concluem o trabalho.

4. REVISÃO TEÓRICA

O presente capítulo tem o objetivo de apresentar quatro grandes referenciais teóricos que rotularam as principais vertentes de proposta da análise de conteúdo empreendida e, conseqüentemente, refletidas nas próximas páginas. Defende-se a própria base acadêmica acerca dos parâmetros de análise do conteúdo argumentado por Thaís de Mendonça Jorge (2015) e Laurence Bardin (2011), vertente fundamental aos estudos em comunicação, e em especial ao jornalismo – assim como diversas outras áreas de conhecimento.

Talvez não tão determinante para a estrutura analítica do trabalho, mas fundamental para citar-se – especialmente pela característica quase onipresente de relevância aos estudos jornalísticos – a hipótese do *agenda setting*, como apontado por Antonio Hohlfeldt (2001), é outro contexto levado em consideração ao sustentar a análise redigida posteriormente.

A percepção de jornalismo cultural apontada por Daniel Pizza (2004) também é outra adotada por este trabalho, especialmente para sustentar a escolha de estudo desta categoria do jornalismo. E se a categoria tem uma necessidade de explicação, o assunto dela também.

Para sustentar a importância da análise relacionada a séries e novelas, Cássio Starling Carlos (2006) traça fundamental linha histórica da evolução destes tipos de programas, especialmente o porquê de haver tanta repercussão atualmente, em consonância com Cláudio Ferreira (2016), que apresenta importante vertente histórica das novelas nacionais.

4.1 Análise de conteúdo – princípios

Especificamente, a análise de conteúdo adotada por este trabalho seguiu as argumentações da Bardin (2011) – apontadas, em maior detalhe, no capítulo seis. Entretanto, é importante neste momento sugerir também algumas asserções mais gerais sobre o tema.

De acordo com Sérgio Dayrell Porto (2015), em artigo no livro *Notícia em fragmentos: análise de conteúdo no jornalismo*, os estudos sobre o tema se solidificaram, essencialmente entre os anos de 1948 e 1952, com os trabalhos de Bernard Berelson. Neste contexto, a análise do conteúdo (*Content Analysis*) tinha o objetivo estrito de levantar, empiricamente, detalhes de informações veiculadas na comunicação, sendo uma “técnica de pesquisa para descrição objetiva, sistemática e quantitativa de conteúdo manifesto da comunicação” (PORTO, 2015).

O autor explica ainda que os estudos sobre análise de conteúdo evoluíram de forma significativa ao longo dos anos, tendo em vista as mais diversas áreas de conhecimento possíveis de usar tais técnicas. Abrindo proposições de Felix Lazarsfeld (1948), John B. Thompson (1989), Hans-Georg Gadamer (1963) até Maurice Mouillaud (2012).

Ficam claras, com as argumentações de Porto, as características de tal técnica – e as possíveis vantagens dela. Mesmo com a “inspiração positivista” (PORTO, 2015, p. 13), o autor sustenta a observação da realidade como um desafio, pois sempre envolve “forma simbólica e cultura de linguagem” (idem, p. 14).

Sobre a importância da análise de conteúdo, Porto conclui: “A AC se comporta como reveladora de signos ou índices que representam a realidade” (idem, p. 12).

4.2 A hipótese de agenda setting

Para entender um pouco mais sobre o processo de *agenda setting* busca-se referência na argumentação elaborada por Antonio Hohlfeldt (2013), em *Teorias da comunicação – conceitos, escolas e tendências*.

Usando de diversos trabalhos – que datam desde a década de 1920, nos Estados Unidos –, como os liderados por Mauro Wolf (1987), Maxwell E McCombs e Donald L. Shaw (1972), De Fleur (1971) e outros, Hohlfeldt argumenta como o conteúdo apresentado nos veículos de comunicação pode afetar a sociedade e, especialmente, como a sociedade pode também delimitar o que é noticiado nos veículos comunicacionais, apontando, assim, fundamental justificativa de existência da análise apresentada por este trabalho: “Os meios de comunicação, embora não sejam capazes de impor o que pensar em relação a um determinado tema, como desejava a teoria hipodérmica, são capazes de, a médio e longo prazo, influenciar sobre o que pensar e falar” (HOHLFELDT, 2013, p. 191).

Naturalmente, a influência por um agendamento midiático é vista por Hohlfeldt como passível de variantes, entretanto, presentes. O autor, além da hipótese do agendamento, também lança um argumento fundamental a este trabalho: a posição hierárquica superior da mídia impressa.

Com a análise de quatro periódicos, este estudo entra em consonância com o proposto por Hohlfeldt ao apontar a maior relevância da mídia impressa – ao agendar outras mídias.

Descobriu-se que também havia um interagendamento entre os diferentes tipos de mídia, chegando-se mesmo a perceber que a mídia

imprensa possui certa hierarquia sobre a mídia eletrônica, tanto no que toca ao agendamento do receptor em geral (pela sua maior permanência e poder de introjeção através da leitura) quanto sobre as demais mídias (que, por sua vez, evidenciam maior dinamicidade e flexibilidade para expandir a informação e complementá-la). Estabelece-se, desta maneira, uma espécie de suíte sui generis, em que um tipo de mídia vai agendando o outro (HOHLFELDT, 2013, p. 198)

4.3 Mídia e a importância do conteúdo cultural

Outro básico referencial teórico sustenta-se nos argumentos de Daniel Piza (2004) para justificar a importância de trabalhar com o jornalismo cultural. Na obra *Jornalismo cultural*, Piza (2004) designa substancial espaço para a crítica desta atual vertente do jornalismo. Segundo o autor, pressionadas pela indústria cultural e sem ferramentas para empreender um trabalho de maior qualidade, as páginas de cultura dos principais jornais do país estão cada vez mais se tornando pouco críticas e, em consequência, panfletárias.

Piza (2004) deixa clara a importância do jornalismo cultural, exatamente por ser muito mais do que a contemporaneidade lhe cobra. Segundo o autor, o jornalismo faz parte do acesso da população a opções culturais, portanto é essencial.

O jornalismo, que faz parte dessa história de ampliação do acesso a produtos culturais, desprovidos de utilidade prática imediata, precisa saber observar esse mercado sem preconceitos ideológicos, sem parcialidade política. Por outro lado, como a função jornalística é selecionar aquilo que reporta (editar, hierarquizar, comentar, analisar), influir sobre os critérios de escolha dos leitores, fornecer elementos e argumentos para sua opinião, a imprensa cultural tem o dever de senso crítico, da avaliação de cada obra cultural e das tendências que o mercado valoriza por seus interesses, e o dever de olhar para as induções simbólicas e morais que o cidadão recebe. (PIZA, 2004, p. 45)

4.4 Por que séries e novelas?

Se por um lado o debate sobre jornalismo cultural é fundamental para a mudança do paradigma de industrialização ao qual o mesmo se dirige, por outro, é igualmente importante a consideração de um dos temas mais caros à imprensa cultural: as produções televisivas, mais especificamente séries e novelas.

Dois conteúdos, que por muito tempo foram relegados a simples expressão de massa, estão, cada vez mais, em um patamar de excelência, como defendido por Cássio Starling Carlos (2006) no livro *Em tempo real – Lost, 24 horas, Sex and the city e o impacto das novas séries de TV*.

De acordo com o autor, as novelas e séries – respectivamente no Brasil e nos Estados Unidos – fazem parte de uma evolução na arte de contar história. Carlos aponta que as produções de televisão contemporâneas resultam de um processo de fundição e modificação de várias mídias – e formas de contar histórias – levando aos programas atuais um conjunto de técnicas e ferramentas, que melhoram exponencialmente a qualidade do que antes era visto apenas como entretenimento.

No caso do formato seriado produzido para a TV é preciso saber que se trata de um derivado, como muito da programação que ocupou a tela da TV nos primeiros tempos. Ou seja, a TV aproveitou formatos preexistentes em outras mídias – como o rádio e o cinema, mas não só –, os reprocessou, desenvolveu algumas soluções específicas para esses híbridos e agora parece ter alcançado um ponto de maturação considerado ótimo. (CARLOS, 2006, p. 8)

O autor ainda faz menção à própria evolução dos conteúdos de entretenimento no contexto nacional: “No Brasil, o desenvolvimento do formato é semelhante, com o consumo popular das novelas radiofônicas antecedendo a consolidação do gênero na TV, que acontece a partir de meados dos anos 1960” (CARLOS, 2006, p. 10). O argumento é semelhante à historicidade apresentada por Cláudio Ferreira: “No início, quase todos os textos eram importados de vizinhos, como a Argentina, e países mais distantes, como Cuba. Muitas telenovelas eram adaptações de radionovelas – a ficção no rádio existia desde os anos 1930” (FERREIRA, 2016, p. 29).

Ainda sobre tal evolução, Carlos aponta importantes produções, que ao longo dos anos foram adicionando ferramentas técnicas para a ascensão ao “considerado ótimo” (CARLOS, 2006, p. 8) atualmente. Com a série *Faraway Hill* (1946), por exemplo, as produções passaram a ganhar o patrocínio em publicidade privada, importante instrumento de independência financeira e meio para a maior evolução técnica. Com *I love Lucy* (1953), os programas passam a trabalhar linhas narrativas mais complexas, com variação temporal, por exemplo.

Em 1970, *Mary Tyler Moore Show* especializou o formato das sitcoms, sob o comando de uma mulher pela primeira vez na história. Em 1980, o maior terreno e a atenção

recebida pelas pequenas emissoras permitiram a consolidação da TV a cabo, tendo como referência maior liberdade de experimentação e, em consequência, inovação.

Até 1991, a série *Dallas* ficou no ar com o auxílio de uma ferramenta aperfeiçoada ao extremo: o *cliffhanger* (ou os ganchos de ações de uma cena para outras). Com maior número de personagens e integração e, em consequência, maior realidade, *Hill Street Blues* influenciou séries até após os anos 2000. Mais recentemente, títulos como *Lost*, *Prison Break* e *Sex and the city* usaram de tais ferramentas para contar suas histórias de forma muito mais verídica e sensacionalista. A proposta de Carlos é entender as produções seriadas ou novelescas além do preconceito de simples e superficiais que por muito tempo carregaram. De acordo com o autor, tais conteúdos podem levar substancial nível de reflexão ao público. Em consonância, devem ser vistos como uma visão mais crítica pela sociedade.

Pela explicação de Ferreira, também existe uma apresentação histórica da produção de novelas nacionais. O autor lembra que a primeira produção do tipo – mesmo que não diária – foi *Sua vida me pertence*, na TV Tupi, ainda em 1951. Em 1963, entretanto, as novelas passaram a serem exibidas diariamente, a primeira produção foi *2-5499 Ocupado*, da TV Excelsior.

Os próximos títulos do gênero que se seguiram foram *Aqueles que dizem amar-se* (1963), *Corações em conflito* (de 1963 a 1964) (ambas TV Excelsior) e *Se o mar contasse* (1964), da TV Tupi. Importante lembrar que o autor aponta uma diferença significativa da produção daquela época, em relação ao reconhecido atualmente, como um conteúdo que mais retrata a realidade de outros países latino-americanos, distribuição regional (e não nacional) e tamanho reduzido.

A semelhança com o conteúdo mais próximo da realidade brasileira, contudo, chegou às telinhas nacionais na virada para a década de 1970, com o fim da transmissão da novela *Beto Rockfeller* (TV Tupi): “A partir de 30 de novembro de 1969, quando a TV Tupi exibiu o último capítulo de *Beto Rockfeller*, as novelas brasileiras mudaram para sempre. Deixou-se de confundir ficção com fantasia – e mesmo que as histórias saíssem da imaginação dos autores, foi o cotidiano brasileiro que começou a tomar o espaço da teledramaturgia” (FERREIRA, 2016, p. 49).

Importante apontar também que tal revisão teórica foi indicada não só pela importância acadêmica em geral, mas porque serão a base – seja na prática em capítulos posteriores, ou pela participação da escolha do assunto estudado – deste trabalho.

5. JORNALISMO CULTURAL E PRODUÇÃO TELEVISIVA

Antes de comentar de fato quais os principais argumentos em relação à análise empreendida por este trabalho, faz-se necessária uma breve explanação que envolva alguns pontos de esclarecimento sobre o jornalismo cultural e a produção televisiva ficcional e roteirizada – na qual se encaixam as séries e novelas.

Eventualmente este tipo de conteúdo se confunde como uma produção industrial sem muito significado ou importância como forma de arte (preconceito similar pode ser encontrado em relação ao trabalho do jornalismo cultural). Entretanto, a história da produção televisiva ficcional e roteirizada sugere exatamente o oposto: uma forma de entretenimento baseada em uma escala evolutiva – e que, por mais pulverizada e distinta (em relação a mídias e plataformas) esteja atualmente, consegue atingir milhares de pessoas quase diariamente.

A importância histórica do jornalismo cultural também não fica em segundo plano. Fazendo parte “de tudo”, como defendeu Piza (2004, p. 7), este tipo de produção diária não deve ser limitado à segmentação dos segundos cadernos dos jornais, e faz parte do processo de construção da cidadania da população.

5.1 Breve histórico

De acordo com a argumentação proposta por Piza (2004) na obra *Jornalismo cultural*, falar da produção do jornalismo cultural entra em confronto com o que a própria grande mídia brasileira entende da profissão. Segundo o autor, as empresas de comunicação são as grandes responsáveis por questionar o valor do jornalismo cultural, ao limitá-lo a um “papel secundário, quase decorativo” (2004, p. 7).

Piza deixa claro que a produção jornalística relacionada ao tema cultural está ligada a muito mais do que é visto nos palcos ou nas telas, e faz parte da publicização de algo “cheio de riqueza de temas e implicações”, com “essência de misturar assuntos e atravessar linguagens” (idem, p. 7).

Parte desta “riqueza” está apontada na história do jornalismo cultural, que, em termos gerais, tem marco de origem ainda em 1711, com a revista *The Spectator*, dos ingleses

Richard Steele e Joseph Addison – responsáveis posteriormente por um dos mais tradicionais jornais britânicos, *The Guardian*, em atividade até hoje.

A produção, que existiu por quatro anos, teve o principal objetivo de popularizar uma linha de ação extremamente restrita a gabinetes políticos e bibliotecas de uma Londres elitista. Como o próprio Piza (2004) indica, o jornalismo cultural tem uma característica básica desde a criação: a urbanidade, ligada também a uma mudança social sem precedentes na história humana.

O jornalismo cultural, dedicado à avaliação de ideias, valores e artes, é produto de uma era que se inicia depois do Renascimento, quando as máquinas começaram a transformar a economia, a imprensa já tinha sido inventada e o Humanismo se propagava da Itália para toda a Europa, influenciando o teatro de Shakespeare na Inglaterra, e a filosofia de Montaigne na França. (PIZA, 2004, p. 12)

Dando seguimento a vários anos de atividade no jornalismo cultural, Piza ainda aponta a criação das revistas *The Examiner* e *London Magazine* ao longo dos anos de 1700 na Europa. Além do período temporal, o autor ainda elenca os nomes que fizeram parte desse momento, como Samuel Johnson (1709-1784) – o primeiro grande crítico cultural, afirma Piza –, William Hazlitt (1778-1830) e Charles Lamb (1774-1834).

Além de ficar lançando nomes e trabalhos, basta ter em mente que a produção de jornalismo cultural se solidificou de forma rápida na Europa, se tornando apta a realizar uma evolução de fato importante: a chegada aos Estados Unidos.

Já no século XIX, ainda no pré-Guerra Civil do país, Edgar Allan Poe (1809-1849) se tornou um dos mais importantes nomes do contexto, para que na segunda metade do século nomes como Henry James (1843-1916) pudessem ganhar destaque. No Brasil, Machado de Assis (1839-1908) e José Veríssimo (1857-1926) levantaram a fama do jornalismo cultural mais na virada do século XIX para o XX, sendo que este último ainda foi marcada, na vertente do jornalismo cultural pela “profusão de revistas e jornais, sendo mais incisivo e informativo, menos moralista e mediativo”, de acordo com Piza (2004).

No início do século XXI, Piza (2004) pontua a dispersão dos meios de comunicação como importante fonte de alteração na dinâmica de trabalho do jornalismo cultural. Seja mais voltado para internet, ou limitado a revistas e periódicos especiais, o autor comenta também o quanto o jornalismo cultural contemporâneo se volta menos à análise e mais à pontuação de fatos – especialmente a mudança de foco do conteúdo, e não só dos personagens que o

sustentam, como das celebridades. Tema este que não chega ao escopo deste trabalho, mas que poderia ser indicado em outro momento.

Próximo da explicação do contexto histórico social do jornalismo cultural, este trabalho também pretende empreender uma breve explanação sobre as séries e novelas, ou a produção de conteúdo ficcional e roteirizado.

Tal qual o próprio jornalismo cultural, as séries e novelas estão inseridas numa evolução histórica, ou seja, não são só uma criação contemporânea de entretenimento. De acordo com Cássio Starling Carlos, o folhetim, ainda no século passado, já tinha algumas características vistas nas séries atualmente: “A surpresa e o suspense, de acordo com a habilidade do autor, comprovaram ser elementos de eficácia dupla: ao mesmo tempo satisfaziam o leitor com fome de entretenimento e garantiam para a indústria editorial uma regularidade de consumo” (CARLOS, 2006, p. 9).

Seguindo a era de sucesso dos folhetins, o autor também pontua o quanto o próprio cinema influenciou na produção seriada e novelesca da televisão principalmente com a inserção do ciclo do herói (com um problema de identificação simples, a solução e o “felizes para sempre”). Em consequência, os anos de 1940 e 1950 também deixaram componentes das até então populares radionovelas para as séries, como os elementos dramáticos. “Era transmitido diariamente e seu público predominante era de donas-de-casa. Por isso, as histórias enfocaram dramas domésticos com ênfase em situações comuns às famílias e aos relacionamentos [...] No Brasil, o desenvolvimento do formato é semelhante, com o consumo popular das novelas radiofônicas antecedendo a consolidação do gênero na TV, que acontece a partir de meados dos anos 1960” (CARLOS, 2006, p. 10).

Entre as décadas de 1940 e 1960 começaram a surgir as primeiras séries e novelas norte-americanas (CARLOS, 2006) em quatro grandes canais abertos, a ABC, CBS, NBC e a DuMont. Antes de falir, ainda em meados da década de 1950, esta última promoveu um marco para a televisão mundial: a estreia da primeira *soap opera* (gênero muito semelhante à novela brasileira), em 1947, intitulada *Faraway Hill*. Até o final da década de 1940, a publicidade via o nascimento da televisão apenas como coadjuvante, para apenas posteriormente conseguir, junto à “conjugação de três forças – produção, publicidade e audiência” (CARLOS, 2006, p. 12), marcar a massificação do meio.

Carlos aponta que a primeira série – nos moldes conhecidos atualmente – foi *I love Lucy*, em 1953. Mais do que apresentar o gênero, o autor ainda aponta uma ação extremamente importante da produção: inserir um marcador temporal para os telespectadores, elemento ainda inexistente em várias outras formas de se contar história na televisão.

I love Lucy confere uma nova qualidade a seus personagens: ela se inscreve na mesma duração, na mesma relação com o tempo que seu espectador. A série de TV deixa então de ser simplesmente um *ersatz* (dicionário: imitação, artificial e inferior ao produto que substitui) do cinema, rádio e teatro para se tornar um processo narrativo único, que inclui insensivelmente – mas inelutavelmente – o triplo envelhecimento do personagem, do ator e do espectador. (CARLOS, 2006, p. 15)

5.2 Contemporaneidade

Por mais que saber sobre as raízes das produções de televisão roteirizadas e ficcionais seja importante, não se pode esquecer como o gênero se comporta atualmente, e de forma especial, quais as características que o mantêm atrativo ao público, ou seja, o aspecto que lhe confere sucesso.

De acordo com Carlos, houve, entre as décadas de 1960 e 1970, uma acentuada evolução tecnológica nos meios televisivos que permitiu mudanças significativas aos respectivos conteúdos. A possibilidade de aspectos digitais nas gravações, e especialmente na transmissão de séries e novelas, permitiu a expansão de canais a cabo, gerando um novo mundo de possibilidades para novas histórias.

Sem a limitação criativa que cercava os anunciantes das emissoras abertas, os canais a cabo tiveram possibilidade de inovar em conteúdo, essas palavras podem ser observadas a partir da década de 1980. Na vertente social, é importante assinalar, a geração *baby boom* (dos nascidos em meados da década de 1950), estava atingindo a idade adulta em consonância com a chegada da década de 1980. Com ideias mais progressistas e menos apego a um modelo de televisão semelhante ao do cinema, o próprio público apontava para tal amadurecimento, indicado a princípio pela produção *Dallas*, que estreou em 1979.

A grande inovação da produção foi apresentar temas até então inéditos, como “política externa e atividades criminosas de grandes corporações” (CARLOS, 2006, p. 25), isso associado a um recurso que mudaria consideravelmente as produções do gênero: o *cliffhanger*, ou ganchos que o enredo constrói para manter a curiosidade do público de um episódio para o outro.

Graças à ferramenta implantada por *Dallas*, outra produção, a *Hill street blues*, de 1981, conseguiu apresentar a “estrutura modular” (*ensemble shows*), em que existem diversas

linhas de enredo dentro da mesma produção, ou seja, um contexto em que uma história seja apresentada para aquele capítulo, e outra, com diferente vertente, que dure por várias temporadas. “O artifício muitas vezes é usado para produzir um efeito-surpresa no público, quando traz à tona personagens ou situações deixadas sem solução e dos quais podemos até ter esquecido. E permite aos criadores tecer inúmeros fios de histórias, o que por si garante o efeito de complexidade tão louvado nas séries contemporâneas” (CARLOS, 2006, p. 28).

O que é possível observar, por meio dos estudos destes elementos, ao longo da história das séries e novelas, é que a principal característica deste tipo de produção, na contemporaneidade, é a maior complexidade de temas e enredos.

Trata-se de fato fácil de apontar e difícil de definir. Para aqueles que assistem às séries com frequência, a complexidade é, provavelmente, a qualidade central que os leva a acompanhar cada desdobramento da trama, a se manterem fiéis e até a preferirem ficar em casa vendo TV a ir ao cinema. Para quem começa a prestar atenção, a complexidade é o fator que fisga os olhos e a atenção, que causa surpresa a cada semana e que faz com que o mero interesse rapidamente se transforme em vício. (CARLOS, 2006, p. 34)

Um fruto de tal complexidade, que também é importante ser abordado, como aponta Carlos, refere-se ao realismo desenhado pelas séries e novelas. Entre tantos fatos que denotam o século XXI na história humana, as grandes produções televisivas não se furtam de exibí-los no horário nobre, tornando tais produções um espelho da sociedade contemporânea, no mesmo páreo que o cinema, o teatro ou a literatura já o foram.

Por mais que o autor defina um ponto de avanço na comparação entre séries e novelas nesta questão de reflexão da realidade – com a sugestão de que as séries estão “anos-luz das nossas óperas de sabão” (CARLOS, 2006, p. 45) –, o fundamental é a defesa de que existe sim esse parâmetro social para a produção televisiva ficcional e roteirizada, diferente da produção industrial que por algum tempo era denominada como fonte de entretenimento vazia e superficial.

5.3 Em números

Além da evolução histórica e especial contato da difusão jornalística de temas sociais, outra justificativa plausível para o estudo de conteúdos televisivos ficcionais e roteirizados dá-se pela simples razão da preferência do público em acompanhá-los. Em outras palavras, a

audiência deste tipo de conteúdo costuma ser expressiva para as emissoras – em especial no Brasil, em que figuram como a liderança em horário nobre.

No contexto brasileiro, em relação aos dados específicos usados na análise deste trabalho, é importante notar que a novela *A força do querer*, no último outubro de 2017, teve em seu capítulo final, exibido no dia 20 do mesmo mês, uma grande audiência. A produção conseguiu alcançar a marca de 50 pontos de audiência na grande São Paulo (importante ponto de referência, pela mídia de publicidade), de acordo com o instituto Kantar Ibope Media. No contexto nacional, a produção conseguiu uma audiência média de 38 pontos no episódio final (REDAÇÃO - Revista Veja, 2017).

Se ampliado o debate da produção televisiva ficcional e roteirizada no Brasil é importante um olhar sobre o trabalho *Convergência e transmediação da ficção televisiva*, de autoria de Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Guillermo Orozco Gómez. A obra publicada pelo instituto Obitel se propõe a analisar a produção televisiva ficcional dos países ibero-americanos em diversos ângulos.

No triênio de 2007, 2008 e 2009, os dados do levantamento apontam que – na vertente geográfica apontada – o Brasil foi o maior produtor de telenovelas (em produção original), seguido de Argentina e México. Foram 48 produções. Se contabilizados títulos de séries, minisséries, telefilmes e outros conteúdos ficcionais para a televisão, o Brasil atinge a marca de 119 produções nestes três anos.

Em relação ao número de horas, o levantamento aponta as telenovelas como líderes de transmissão. No ano de 2009, foram veiculadas 1.358:45 horas deste tipo de conteúdo. Com relação aos investimentos – no mesmo ano –, os dados também deixam claro a preferência da publicidade pela televisão, já que 52% dos valores designados à propaganda foram para este meio (LOPES e GÓMEZ, 2010, p. 30, 129 e 138).

No contexto norte-americano, em relação aos dados específicos usados na análise deste trabalho, dia 27 do mês de agosto de 2017 – quando foi exibido o último episódio da série *Game of thrones*, intitulado *O dragão e o lobo* – marcou importante referência de audiência, com 16,5 milhões de telespectadores (o contexto norte-americano não adota o sistema de pontos brasileiro, sendo apresentada a relação direta de audiência) de acordo com o Nielsen Company (AGÊNCIA EFE - Portal G1, 2017).

Em aspectos gerais, a audiência norte-americana guarda singularidades extremamente complexas que extrapolam o escopo deste trabalho.

Em síntese, os aspectos e vertentes estudados nos subtópicos do capítulo cinco têm uma premissa simples: justificar porque conteúdos televisivos ficcionais e roteirizados devem ser noticiados pelos jornais. Dentro desta discussão, abordou-se a história do jornalismo cultural, assim como a evolução das produções designadas como séries e novelas. Mais especificamente sobre o recorte temporal adotado para a análise presente neste trabalho, observou-se também o quanto tais conteúdos têm um forte apelo popular tendo em vista os números de audiência.

Ainda sobre a argumentação a respeito da comunhão entre a notícia dos jornais e o conteúdo das séries e novelas, Carlos (2006) defende o fato de que tais produções refletem, inclusive de forma crítica, a sociedade e seus hábitos contemporâneos.

Tais observações funcionam como uma justificativa e resposta, ao provável questionamento acadêmico em relação a razões que levariam um jornal a abordar séries e novelas em seus periódicos: o contato com as pessoas.

Afinal, como defende Thaís de Mendonça Jorge, “notícia é comunicação: quanto mais pessoas essa comunicação atingir, melhor. O objetivo é ampliar o espectro da informação” (JORGE, 2008, p. 24).

6. TELEVISÃO E JORNAL IMPRESSO

6.1 Procedimentos metodológicos, panorama geral da análise e hipóteses

O procedimento metodológico adotado por este trabalho baseou-se nas propostas de análise do conteúdo defendidas por Laurence Bardin (2011), assim como asserções pelo tema da professora Thaís de Mendonça Jorge (2015) e as pesquisadoras Adriana Santos e Mirna Tonus (2015).

Marcando presença em diversas áreas acadêmicas, a análise de conteúdo refere-se ao jornalismo há quase 70 anos, tendo as primeiras argumentações propostas por Bernard Berelson, ainda entre as décadas de 1940 e 1950, que define esta forma de estudo como uma “técnica de pesquisa para descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação” (BERELSON, 1952).

Em relação ao debate proposto por Bardin (2011) para lidar com a análise de conteúdo, é importante citar que a técnica foi criada com o prévio objetivo de tratamento de dados, por meio de uma organização dada em três etapas – 1º, que material selecionar para estudo; 2º – explorar esse assunto e 3º – trata resultados.

Em relação às ideias da professora Jorge (2015), existe um maior entendimento da realidade com a análise do conteúdo, já que a autora aponta: “Nós, comunicadores e pesquisadores da comunicação, nos capacitamos a entender o que está acontecendo com o jornalismo, por exemplo, com as notícias – seu prato principal –, e as comunicações no planeta, a partir da análise de Mídia” (JORGE, 2015).

O procedimento metodológico adotado neste trabalho tangencia quatro vertentes dentro da escrita acadêmica.

1ª fase – O primeiro momento se apoiou em uma definição dos periódicos a serem analisados. Uma das partes mais importantes, a 1ª fase apontou o futuro de todo o trabalho. A princípio buscava-se uma análise que envolvesse outros periódicos, que, entretanto, foram descartadas por motivos diversos. A escolha de estudar as publicações do *Correio Braziliense*, *O Globo*, *Los Angeles Times* e o *The Washington Post* não foram aleatórias, mas sim construídas sob a premissa de que a abordagem seria diferente dependendo de aspectos demográficos. O recorte temporal escolhido para a análise também fez parte das definições desta 1ª fase, que englobaram os meses apontados, pela transmissão de algum conteúdo

específico na televisão (como apontado no capítulo sete) e a também escolha de um mês aleatório que proporcionasse uma maior neutralidade aos quatro periódicos.

2ª fase – O momento posterior deu-se com a leitura dos periódicos nos recortes apontados. Foram 359 edições lidas. Pelo grau de maior dificuldade, os primeiros periódicos lidos foram os norte-americanos através do aplicativo on-line *Pressreader*, que permite uma visualização das folhas dos jornais, assim como o texto digital de tais espelhos. Posteriormente, ocorreu a leitura dos periódicos nacionais, desta vez através do acervo da Biblioteca do Senado Federal. Ao realizar-se as leituras, também apontava-se a informações dos textos sobre produção televisiva ficcional e roteirizada, como título, nome do jornalista, breve resumo do texto, apontamento de presença de fonte, tamanho e data da publicação. Em um segundo momento, foram relidas as 359 edições, em prol de também apontar-se os gêneros dos textos, assim como aqueles que apresentavam como assunto principal estreias de novas produções.

3ª fase – A fase seguinte voltou-se à construção de uma relação entre números dos quatro jornais em revisão ao banco de dados adotado na 2ª fase – confrontando-se também as hipóteses previamente apontadas. Entre outros aspectos, apontou-se quais jornais tiveram maior número de textos sobre produção televisiva ficcional e roteirizada, se os jornais localizados na capital tinham comportamentos numéricos comparativos semelhantes, aspectos de subjetividade entre as produções dos dois países, presença de fontes e mais.

4ª fase – A seguinte fase do trabalho sugere uma reflexão além das comparações que, ainda entre os capítulos seis e sete, referem-se a entender aspectos de tratamento do tema entre os jornais, os impulsos de ligação a temas sociais associados à matéria e a constatação de que julgamentos em relação a qualidade não cabem, principalmente levando em conta que as produções são afetadas por contextos culturais.

O escopo desta análise partiu da leitura de 359 edições de jornais impressos – em quatro periódicos diferentes – *Correio Braziliense*, *O Globo*, *The Washington Post* e *Los Angeles Times* –, no recorte temporal de três meses do ano de 2017 (maio, agosto e outubro), com o levantamento de 225 textos que tratam sobre a difusão jornalística em relação à produção televisiva ficcional e roteirizada, ou seja, séries ou novelas.

Como será possível observar ao longo deste capítulo, a apresentação dos dados – e as respectivas interpretações de seus significados – dar-se-ão por meio das teorias da análise de conteúdo, mais especificamente, da corrente defendida pela autora francesa Laurence Bardin (2011) na obra *Análise do conteúdo*, assim como nas argumentações de Thaís de Mendonça

Jorge (2015) na organização empreendida no título *Notícias em fragmentos – análise de conteúdo no jornalismo*.

A proposta de tal análise ocorre a partir da necessidade da verificação dos produtos jornalísticos – em nível de semelhança, ou diferença – entre a realização por dois contextos (o norte-americano e o brasileiro) do que é veiculado sobre produção televisiva ficcional e roteirizada, uma vertente, como previamente constatado, que abriga fundamental relevância – como objetivo de estudo –, especialmente de acordo com a grande quantidade de público que tem contato com tal conteúdo.

A consonância dos métodos de análise de conteúdo propostos por Bardin delimita um dos grandes movimentos pioneiros para a solidificação da teoria, tendo em vista a base “concreto e operacional método de investigação” (FARAGO e FOFONCA, 2013, p. 1).

Outro ponto de destaque da análise proposta por este capítulo define as reflexões e apontamentos interpretativos dos dados como indicados por Santos (2012, p. 382), ou seja, um “desvendar crítico da análise”. Tal argumento sustenta a possibilidade de os dados serem mais do que constatação, e poderem fazer um link de referência teórico.

O pesquisador precisa retornar ao referencial teórico, procurando embasar as análises dando sentido à interpretação. Uma vez que as interpretações pautadas em inferências buscam o que se esconde por trás dos significados das palavras para apresentarem, em profundidade, o discurso dos enunciados. (idem, 2012, p. 386)

Ainda dentro de tal asserção da análise do conteúdo, fundamental notar as fases de construção da análise que se segue de acordo com as fases defendidas por Bardin (2011), detalhadas por Santos e Tonus, e seguidas por este trabalho.

Para obter resultados precisos com a utilização do método, que consiste na interpretação de mensagens e enunciados, Bardin (2011) explica que é necessário organizar as fases da análise de conteúdo em: 1) pré-análise, que consiste na escolha do material que será estudado e também na elaboração de hipóteses que irão servir para o desenvolvimento de indicadores para a interpretação final; 2) exploração do material, que faz referência à etapa da análise propriamente dita; e 3) tratamento dos resultados, que considera a inferência e interpretação dos resultados brutos. (SANTOS e TONUS in JORGE, 2015, p. 323)

Seguindo a proposta de Bardin (2011) em buscar, no nível de análise de conteúdo, a 1) Pré-análise (BARDIN, 1988, p. 101), uma hipótese prévia para realizar o levantamento de

dados, o trabalho aqui exposto defende – como tal hipótese – alguns contextos distintos, dado o recorte temporal, demográfico e cultural que envolve os quatro jornais.

A primeira hipótese, que diz respeito à vertente cultural dos periódicos, defende que os resultados da análise irão apontar para uma realização de notícias sobre a produção televisiva ficcional e roteirizada mais frequentes nos jornais impressos norte-americanos, tendo em vista a maior produção de tais conteúdos no país em questão.

A segunda hipótese, que ainda diz respeito à vertente cultural dos periódicos, defende a maior presença de notícias sobre produção televisiva ficcional e roteirizada na categoria novela, nos periódicos do Brasil, tendo em vista predominante liderança de audiência de tais programas, assegurados pelos números do Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva (LOPES e OROZ, 2010, p. 26) que apontam, entre outros dados, o Brasil com uma oferta de horas de ficção nacional tabelada em 5.351 entre os anos de 2007 e 2009, alcançando liderança no mercado deste tipo de produção em países Ibero-americanos: “O Brasil manteve a liderança na produção de horas nacionais, ficando México na vice-liderança e Portugal em terceiro lugar” (LOPES E OROZ, 2010, p. 27).

A terceira hipótese, que diz respeito à vertente demográfica dos periódicos, defende resultados mais substanciais na realização de textos sobre produção televisiva ficcional e roteirizada, nos jornais com circulação maior nas áreas próximas a centros de realização e locação, como no caso de *O Globo* e de *Los Angeles Times*.

A quarta hipótese, que diz respeito à vertente temporal dos periódicos e da análise em geral, defende a maior constância de notícia sobre a categoria “série” no mês de agosto – nos periódicos norte-americanos (tendo em vista o término da sétima temporada da produção *Game of thrones*), assim como resultados mais vigorosos na categoria “novela” no mês de outubro, nos periódicos brasileiros (tendo em vista o término da novela *A força do querer*).

Ainda sem hipóteses prévias, o trabalho também se dispôs a analisar os textos em relação à participação de fontes, assim como o espaçamento que cada conteúdo ocupou em relação à página para a qual foi alocado.

Além de tais hipóteses, o trabalho também apresenta percepções a partir do levantamento de dados, como já propunha Bardin (1988, p. 101. In; SANTOS e TONUS, 2015, p. 323): “O analista, tendo a sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósitos dos objetivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas”.

De acordo com o proposto por Bardin (2011) – em relação ao segundo passo de análise de conteúdo –, este trabalho também se ampara na criação de categorias, definida pela

autora como grau de semelhança de análise, para uma comparação mais eficaz entre os produtos apontados (neste caso, em específico, os quatro periódicos), isto dentro da linha argumentativa de Bardin em relação a análise documental (com presença de inferências) sobre “temas ou itens” (BARDIN, 2011, p. 77).

Dentre estas categorias, delimitaram-se cinco principais: a análise em relação ao assunto do texto (entre séries ou novelas); em relação à autoria dos textos (apontando a assinatura por autores comuns, ou a assinatura designada apenas à redação); em relação ao espaço dos textos dentro das páginas que ocupam (grande, padrão ou pequeno, de acordo com a explicação empreendida a seguir); em relação à presença de fontes emitindo opiniões, ou transmitindo informações, dentro das matérias (apontando a existência – “com” –, ou ausência – “sem”); em relação ao gênero jornalístico dos textos (apontando-os como críticas, notícias e outros) e em relação ao assunto de maior destaque dentro dos textos sobre produção televisiva ficcional e roteirizada.

Para promover esclarecimentos sobre a análise adotada, e especialmente os resultados, é importante, neste momento, promover uma visão geral sobre os jornais observados e algumas das singularidades dos mesmos.

Todos os periódicos analisados apresentaram uma editoria específica de cultura. No jornal *Los Angeles Times*, o título do caderno de cultura responde por *Calendar*; no *The Washington Post*, o conteúdo entra nas páginas do *Style*; no *Correio Braziliense*, existem dois cadernos em que observou-se conteúdo televisivo referentes a ficção roteirizada, o *Diversão & Arte* (de segunda a quinta, sábado e domingo) e a *Revista do Correio* (somente aos domingos); no jornal *O Globo*, o conteúdo entra nas páginas do *Segundo Caderno*.

A posição dos cadernos de cultura dentro dos periódicos impressos foi um fator contrastante na análise dos periódicos. Enquanto no jornal *The Washington Post*, o *Style* era o terceiro caderno (atrás de notícias das editorias de mundo, cidade e negócios, e antes das diversas editorias que noticiam sobre distintas modalidades esportivas cada), o *Calendar*, do *Los Angeles Times*, se localiza mais ao fim das edições diárias, após todas as editorias (com exceção das quintas-feiras, sextas-feiras e domingo, em que havia suplementos posteriores relacionados, respectivamente a cinema, arquitetura e lazer na cidade de Los Angeles).

No contexto brasileiro, o jornal *O Globo* dá mais destaque à posição do caderno de cultura, o *Segundo Caderno*, que, como o próprio nome sugere, é o segundo, ficando atrás do caderno que engloba, em conjunto, notícias relacionadas a política, cidade e mundo. No periódico *Correio Braziliense*, a posição do caderno *Diversão & Arte* é a terceira, atrás dos cadernos que englobam notícias de política/mundo, e outro de cidades. Nos domingos, a

Revista do Correio – que frequentemente apresenta textos relacionados a conteúdos ficcionais e roteirizados –, se localiza dentro do caderno *Diversão & Arte*.

Importante apontar também que algumas das notícias analisadas por este trabalho não se restringiram aos cadernos culturais. Nos dois periódicos norte-americanos, é relativamente comum que notícias sobre conteúdo televisivo ficcional e roteirizado esteja fora da editoria de cultura – foram encontrados textos nas editorias de negócios, mundo, saúde e cidade –, algo que não ocorreu com os periódicos brasileiros.

Nota-se também que o número de autores que escrevem na editoria de cultura é limitado, não passando de oito em cada jornal. A maior variação de autores foi observada no jornal *O Globo*. Importante apontar também que este jornal foi o único com a presença de uma colunista diária sobre, especificamente, conteúdo relacionado a televisão – a jornalista Patrícia Kogut.

Na análise que se designa ao jornal *Correio Braziliense*, é importante apontar e reforçar que três matérias analisadas foram produzidas pelo próprio autor deste trabalho. Entretanto, fundamental apontar também que tais produções não tiveram nenhuma relação com o trabalho além do profissional, já que a escolha pela observação deste periódico deu-se exclusivamente pela sua designação geodemográfica.

Para a construção desta análise, buscou-se uma observação restrita sobre os conteúdos que se baseavam em produções televisivas ficcionais e roteirizadas, e não notícias que envolvessem assuntos adjacentes. Por exemplo, não foram levadas em consideração notícias que se referiam a transações financeiras entre canais de televisão, doação de emissoras (ou ligação de alguma forma) a partidos políticos, “hackeamento” de emissoras – ou séries –, perfis de atores e notícias de conteúdos televisivos ficcionais e roteirizados pagos pelos canais. Importante lembrar também que os textos em formatos de notas (com menos de cinco linhas) não foram levados em consideração para a análise.

No apontamento da presença de fontes dentro dos textos, é fundamental o registro de que o ator foi considerado como ativo, ou seja, atores ou fontes acionadas pelo jornal, e não presença em formato de comunicado oficial, ou afirmação de fontes e atores dados a um terceiro veículo de comunicação e “reciclado” pelos jornais analisados.

Nos cadernos de cultura dos quatro jornais, é importante citar, existe uma espécie de serviço cultural, com a agenda de programação dos principais canais abertos de televisão de cada país, assim como dicas de filmes dentro de tal programação. Neste mesmo segmento, aparecem também palavras cruzadas, quadrinhos ou jogos dos setes erros.

6.2 Principais resultados, séries e novelas no jornal

Entre os principais resultados observados das 359 edições lidas e dos 225 textos analisados foi possível observar o fato de que não há maior presença de textos relacionados a novelas – em detrimento de séries – nos jornais brasileiros, pelo contrário. As produções seriadas são mais noticiadas nos dois jornais nacionais. Nos veículos norte-americanos, o assunto novelas, ou *soap operas*, não foi abordado.

Em relação à extensão dos textos, observou-se que o jornal *Correio Braziliense* é o que mais contém maiores textos, seguido do *Los Angeles Times*, *The Washington Post* e *O Globo*.

Em relação à presença de fontes nas notícias no contexto nacional, o jornal *Correio Braziliense* foi o mais relevante neste aspecto, seguido de *O Globo*. Na referência norte-americana, o líder da presença de atores ou fontes externas é o *The Washington Post*, seguido do *Los Angeles Times*.

Outra grande percepção da observação empreendida por este trabalho volta-se ao fato de os quatro jornais terem como principal assunto, em relação a produções televisivas ficcionais e roteirizadas, estreias. O jornal *Correio Braziliense* foi o que mais se apegou a tal tema, seguido pelo *O Globo*, *The Washington Post* e o *Los Angeles Times*.

Ainda dentro deste subtópico, ganha espaço a comparação de análise de conteúdo na categoria assunto, que, como já explicitado, pretende apontar os textos com maior enquadramento no contexto da produção seriada, ou novelesca.

A título de recordação, é importante lembrar que, neste aspecto, a principal hipótese era a existência de uma divisão, na publicação de ambos os assuntos, entre os periódicos nacionais e norte-americanos, com a espera de uma maior presença de assuntos relacionados a novelas no Brasil, e séries nos Estados Unidos. Isso de acordo com os parâmetros já apontados, principalmente pelos números de audiência que figuram os dois contextos.

Entretanto, no recorte empreendido pela análise deste trabalho, a hipótese levantada é refutada. Isso significa que não houve maior predominância dos textos relacionados a novelas nos periódicos brasileiros, pelo contrário. Nas 186 edições analisadas nos meses de maio, agosto e outubro, nos jornais *Correio Braziliense* e *O Globo*, apenas 86 textos foram relacionados à produção televisiva ficcional e roteirizada. Destes, somente 16 englobavam o assunto “novela” no conteúdo corrente.

Isso significa que, dentre 100% das edições analisadas, os textos que reportam a produção televisiva ficcional e roteirizada respondiam por apenas 46, 2%, sendo que deste

número – que aponta o registro ao contexto de análise do trabalho –, apenas 18,6% se referem a novelas.

A título de comparação, no mesmo período os jornais em questão apresentaram 73 textos que abordavam o assunto “série”, mostrando a força do conteúdo em pautar assuntos de interesse da mídia nacional, mesmo onde a produção seriada – ou audiência em emissoras abertas – não seja tão latente quanto no contexto norte-americano. Importante lembrar que alguns textos abordavam os dois assuntos em comum.

Dentro deste contexto de análise é importante um apontamento: alguns textos apresentaram dupla categoria de análise de conteúdo, sendo assim classificados em ambos. Como no exemplo do texto “É tudo verdade?”, veiculado no jornal *Correio Braziliense* na data de 7 de maio de 2017, por autoria do jornalista Vinicius Nader. No conteúdo, o texto versava sobre como algumas produções televisivas ficcional e roteirizada se apoiam em contextos históricos para desenvolver uma linha narrativa.

Neste caso, a matéria apontou exemplos e fatos em produções seriadas e novelescas, sendo assim classificada nas categorias de assunto “série” e “novela”. Situação semelhante ocorreu no texto “Tempos delicados”, também veiculado no jornal *Correio Braziliense* e pelo jornalista Vinicius Nader, agora na data de 27 de agosto de 2017, versando sobre os pontos positivos e negativos da retratação do autismo em séries e novelas.

Ainda no mérito da análise sobre a categoria de assunto é importante notar que nenhum dos dois periódicos norte-americanos (*Los Angeles Times* e *The Washington Post*) fizeram conteúdos passíveis de análise sobre o assunto “novela” – no contexto do país, entendidos como *soap operas*. Nesta vertente da análise foram comparadas 173 edições (isso por conta da já explicitada ausência das edições dominicais do jornal *The Washington Post* para análise em questão), no igual recorte de maio, agosto e setembro de 2017.

De volta aos periódicos brasileiros, outra hipótese presente na estruturação do trabalho – que justificou, inclusive, o recorte temporal já indicado – estaria na predominância de textos relacionados ao término da novela *A força do querer*, no mês de outubro. Contudo, foi outra concepção refutada. Isso tendo em vista que o fim da novela rendeu apenas um texto em ambos os jornais brasileiros no mês indicado – “A resposta de Bibi, uma cena que vem sendo construída há tempos”, escrita pela colunista Patrícia Kogut, no dia 18 de outubro de 2017, no jornal *O Globo*.

A novela que sucedeu *A força do querer*, intitulada *O outro lado do paraíso*, apresenta maior presença no mês de outubro. No jornal *O Globo* foram quatro textos sobre a, então, nova novela (“A trama das 21h é uma novela moderna”, “Machismo e assédio no

horário nobre”, “Os altos e baixos da estreia de ‘O outro lado do paraíso’” e “Novelas das 21h é boa promessa desde já”, respectivamente nos dias 15, 22, 25, 29 de outubro, as quatro pela colunista Patrícia Kogut). No jornal *Correio Braziliense*, não foram computados textos sobre a trama que substituiu a novela *A força do querer*.

6.3 Extensão dos textos

Outra categoria de análise de conteúdo estudada por este trabalho define-se em relação à extensão que os textos ocuparam nas páginas dos jornais apontados. Dentro deste contexto, é importante, a defesa de um argumento que eventualmente pode delimitar certa confusão.

O trabalho pretende uma análise mais interna, de sugestão sobre quais jornais – entre os quatro citados – designam maior tamanho, tamanho padrão, ou tamanho pequeno para os textos relacionados à produção televisiva ficcional e roteirizada.

Relembrando, tal subdivisão foi adotada para apresentar um método viável, com conclusões facilmente perceptíveis. Um texto foi caracterizado como grande, se o espaçamento (envolvendo fotografia, ou ilustração) for maior do que todos os outros na mesma página. Já o tamanho designado como ‘padrão’ se refere a textos com tamanho maior que outras matérias, mas ao mesmo tempo menores do que outros conteúdos jornalísticos – na mesma página.

Partindo para os resultados das análises, o jornal *Correio Braziliense* se posicionou como o que tem mais afeição pelos textos de tamanho grande, ao noticiar a produção televisiva ficcional e roteirizada. Entre 22 textos que falam sobre o tema em geral – nos meses de maio, agosto e outubro, de 2017 – 21 foram grandes.

Logo atrás vem o periódico *Los Angeles Times*, que entre 104 textos tratando sobre o assunto produção televisiva ficcional e roteirizada, 61 foram textos de tamanhos grandes. O jornal *The Washington Post* fica em terceiro lugar de grandes espaços, de 35 textos sobre o assunto produção televisiva ficcional e roteirizada, 13 foram grandes. Por último se encontra *O Globo*, com 64 textos sobre produção televisiva ficcional e roteirizada, sendo 24 de tamanho grande (**gráfico 1**).

No outro polo da subdivisão, ou seja, o jornal com maior número de textos pequenos, destacam-se os periódicos norte-americanos, com 24 textos o *Los Angeles Times* (de um total de 104 textos), e oito *The Washington Post* (de um total 35 textos). No contexto brasileiro, o

jornal *O Globo* só apontou um texto pequeno no período de recorte, sendo que o *Correio Braziliense* não apresentou nenhum conteúdo nesta subdivisão.

Tal contexto, ao se analisar o conteúdo de cada texto, levanta uma significância importante. Uma das razões para os textos serem mais espaçosos no contexto brasileiro pode ter base na mais comum presença de textos que façam parte de toda uma discussão envolta na base de uma notícia, quase como uma contextualização sobre os fatos.

Por exemplo, o texto “O excesso de tramas de heróis”, da jornalista Adriana Izel, publicado no dia 21 de maio de 2017, foi um dos classificados como grande, e dentro do conteúdo do mesmo, percebe-se que a informação de que uma nova série que aborda a temática de super-heróis não limita o texto, pelo contrário. A jornalista usa a oportunidade do lançamento para falar da programação seriada das emissoras.

Nos jornais nacionais, os espaços maiores, dentro do recorte analisado, ganham predominância – de acordo com a observação da análise de conteúdo – por dois motivos principais: o fato noticioso integrado a uma discussão maior sobre o tema, e porque também se refere a estreias, contexto mais debatido a seguir.

Diferentemente do parâmetro editorial dos jornais brasileiros, os norte-americanos se atentam mais aos fatos, sem muita relação com outros temas semelhantes na própria televisão. Por exemplo, o texto intitulado “*Weekend update basks in its ratings*” (“Atualizações do fim de semana aquecem níveis de audiência”, em tradução livre), veiculado no jornal *The Washington Post*, no dia 26 de agosto de 2017, de autoria da redação, aponta uma notícia que se limita a passar as informações (sobre a audiência), sem maiores constatações, conexões e reflexão em relação a outros assuntos.

É importante notar que, por mais que os jornais brasileiros empreendam maior vertente dentro do próprio assunto da televisão, é mais comum aos jornais norte-americanos refletirem e fazerem tal integração relacionados a outros temas além de outras séries de televisão. É possível perceber isso na relação que os textos fazem entre os conteúdos das produção e as discussões sobre saúde pública, religião, representatividade e mais.

6.4 Presença de fontes no texto

Outra classe de análise que este trabalho se propôs a tratar refere-se à presença, ou não, de fontes dentro de cada texto. Dentro deste escopo, a abrangência foi predominante para apontar uma fonte, sendo aqueles que emitiram informações, ou opiniões, dentro da matéria, além do próprio autor. A explicação para designar tais fontes variam,

essencialmente, em três categorias. A grande maioria das fontes nos textos analisados apontam para a presença de indivíduos que trabalham dentro das emissoras (como atores, diretores, produtores, e até mesmo executivos) e opinam sobre o conteúdo dos programas reportados nas matérias. Outra parte dessas fontes respondem por especialistas que debatem alguma ligação social que o texto sugere. A minoria dessas vozes externas é classificada como personagens, especialmente na vertente nacional, já que os jornais norte-americanos analisados não costumam lançar mão de tal recurso.

Naturalmente, tal presença, ou não – assim como já apontado no item 6.3 – não pretende realizar juízo de valores, ou de qualidade entre as produções textuais, mas sim tentar entender a importância deste fator (a presença de fontes) para os jornais designados, e especialmente perceber a variação desta importância de acordo com os aspectos culturais entre os países, e contexto demográficos dos jornais.

Outra observação que cabe relevância ao contexto desta análise de conteúdo diz respeito ao gênero textual, que permitiria maior ou menor espaço à presença de fontes com voz dentro do texto. Isso significa que alguns jornais têm mais inclinação a noticiar textos sobre a produção televisiva ficcional e roteirizada por meio de críticas e não matérias noticiosas, o que, naturalmente, reduziria a abertura para participação de fontes. Entretanto, a discussão sobre este contexto em particular será realizada em maior detalhamento nos próximos subtópicos deste trabalho.

Desconstruindo a hipótese inicial de que os jornais norte-americanos, ou ao menos o periódico nacional *O Globo*, teriam uma maior presença de textos sobre a produção televisiva ficcional e roteirizada – graças à proximidade física com os núcleos de produção do tema analisado –, o trabalho constatou que, no recorte indicado, o periódico *Correio Braziliense* foi o que mais contou com a presença de fontes dentro dos conteúdos.

De 22 textos sobre o assunto nos três meses analisados, 15 tiveram a voz explícita de indivíduos ajudando a compor a narrativa do conteúdo jornalístico. Isso significa que quase 70% (68,1%) dos textos analisados continham a presença de fontes no periódico brasileiro. Na outra ponta encontra-se o jornal *O Globo*, em que pouco mais de 70% (70,3%) dos textos sobre produção televisiva ficcional e roteirizada não tinham a presença de fontes.

Dentro deste contexto nacional, é importante, novamente, apontar a variação textual (*O Globo* tem predominância maior de críticas) como fator preponderante para a presença de fontes nos conteúdos. Contexto que será mais detalhadamente apontado nos próximos capítulos.

Já na vertente norte-americana, o jornal com maior número na presença de fontes foi *The Washington Post*, com 51,4% dos produtos apresentando a existência deste fator. No *Los Angeles Times*, contudo, apenas 42,4% dos textos apresentavam a presença de tais fontes (gráfico 2).

Como uma possível significância aos dados, encontra-se (no recorte indicado por este trabalho) os jornais mais distantes dos centros de produção novelesca e seriada como os que mais apresentam a presença de fontes com voz ativa dentro dos textos, isso tanto dentro do contexto interno de cada cultura, como na comparação entre países. Tal percepção pode levar à argumentação de que os jornais longe dos centros de processos em produções de entretenimento televisivo sintam a necessidade de evocar maior opiniões e informações acerca da própria produção jornalística, envolvendo, assim, mais vozes ao longo do conteúdo.

6.5 Os gêneros textuais

Ao escrever a obra *Jornalismo cultural*, Daniel Piza empreende uma argumentação principal que trata sobre as mudanças – no sentido de declínio – que a vertente em questão enfrenta na atualidade. Segundo o autor, valores jornalísticos que antes ditavam a linha cultural atualmente são pouco vistos, colocando este tipo de trabalho em um período de renovação.

A imprensa cultural tem o dever do senso crítico, da avaliação de cada obra, tendências que o mercado valoriza, e o dever de olhar para as induções simbólicas e morais que o cidadão recebe. No momento atual, o jornalismo cultural não tem conseguido realizar essa função com clareza e eficácia, por variados motivos que serão vistos. (PIZA, 2004, p. 45)

O propósito deste trabalho não é limitado ao julgamento de tais mudanças – especialmente, ao contexto “moral”. Entretanto, é importante tal argumento, que levanta uma reflexão sobre como tais mudanças também afetaram o contexto de construção – em relação a gênero – dos textos jornalísticos em produção televisiva ficcional e roteirizada.

De acordo com Piza, o trabalho do jornalismo cultural atual “beira o fútil e o leviano” (*ibid.*, p. 63), e seleciona como razões para isso uma gama de fatores, como a dicotomia entre “popular e elitista” (*ibid.*, p. 45) – em relação a abordagem de assuntos –, a dicotomia entre “nacional e internacional” (*ibid.*, p. 58) – em relação, também, a abordagem de assuntos –, o

“atrelamento a agenda” (*ibid.*, p. 62), a “qualidade dos textos” (*ibid.*, p. 62), a “marginalização da crítica” (*ibid.*, p. 63), entre outros.

Ainda segundo Piza, a atualidade fez do jornalismo cultural um refém da designada “indústria cultural” (*ibid.*, p. 68), que promove uma “diminuição sensível na pluralidade e criatividade” (*ibid.*, p. 65). A partir deste argumento do autor, o presente trabalho parte para a abordagem da maior junção entre gêneros.

Os parâmetros de gênero textual dentro da análise percorrida apontam essencialmente para duas vertentes: textos críticos e notícias. Dentro desta percepção, é importante uma explicação de cada vertente para a posterior análise de tais observações dentro do veiculado pelos periódicos.

De acordo com o *Manual da Redação – As normas de escrita e conduta do principal jornal do país*, a crítica é carregada de tom opinativo, fundamentada em argumentos.

Crítica cultural: embora exija que o crítico manifeste juízo de valor sobre a obra que comenta, a crítica de cultura não se esgota aí. É preciso que o trabalho em foco seja situado na modalidade a que pertence e na evolução da obra de seu autor [...] O ideal é que elementos positivos e negativos sejam destacados, ainda que uns prevaleçam sobre outros. Uma boa crítica deve servir de orientação para o consumo e oferecer alguma reflexão sobre a obra analisada. (2018, p. 135)

Em consonância com tal abordagem, Dad Squarisi, no *Manual de redação e estilo* (SQUARISI, 2005), classifica a crítica como uma mensuração: “Crítica é a avaliação de uma obra ou espetáculo. Se assinada por especialista, ganha crédito”.

A definição de notícia, distinta da crítica, é argumentada por Jorge (2008), no texto *Manual do foca – guia de sobrevivência para jornalistas*. A autora aponta como a principal característica da notícia algo que é diferente, ou seja, que possa ser considerado incomum, e também, que de alguma forma possa atrair a atenção do público.

Notícia é transmissão da experiência, articulação que transporta o fato a quem não o presenciou: matéria-prima da produção jornalística, o relato noticioso condensa a informação atual, verdadeira naquele momento, carregada de interesse humano e capaz de despertar a atenção e a curiosidade do maior número de pessoas possível. (JORGE, 2008, p. 24)

A partir de tais preceitos, este trabalho se propõe a apontar uma análise de conteúdo tendo como categoria a presença de textos baseados nos gêneros jornalísticos de crítica ou notícias. Contudo, é de fundamental importância a percepção de que, de maneira geral, a análise dos gêneros textuais aponta para maior falta de delimitação entre os mesmos. É comum que se encontre uma proposta de notícias permeada de tons opinativos, especialmente no contexto norte-americano, em que uma maior dinamização em contato ao tema das pautas é mais latente – fato mais detalhadamente estudado a seguir.

Tendo tais apontamentos delimitados, a análise a seguir sugere três apontamentos perceptíveis nas matérias: textos críticos, notícias – de rotina, ou serviço (JORGE, 2008), ou indefinidos, que, como já citado, tem os limites entre gêneros difíceis de serem traçados de forma clara.

Neste sentido, os jornais apresentam conteúdos variados. Na observação do periódico *O Globo*, por exemplo, nota-se a predominância de textos críticos – foram 42, no recorte já apontado, de um total de 64 produções, em especial pela presença da produção em forma de coluna diária da jornalista Patrícia Kogut, que empreende no espaço dedicado a produção própria, frequente amostragem de assuntos relacionados a produção televisiva ficcional e roteirizada. Em nenhum outro jornal analisado, uma figura como a da jornalista foi percebida (ainda sobre *O Globo*: tiveram 9 textos no formato de notícias, e 13 classificados como indefinidos).

Já no *Correio Braziliense*, em contraste, textos que mais se assemelham ao formato de notícia foram predominantes, com 12 produções, de um total de 22, sendo ainda cinco críticas, e cinco indefinidos.

No contexto internacional, a variação ainda é perceptível. No *Los Angeles Times* (que contou com 104 textos analisados), é maior a presença de produções apontadas como Indefinidas (foram 37), entretanto, não tão presentes quanto conteúdos que apontam a produção de notícias (com 38). Críticas não ficam muito atrás, sendo 29. No *The Washington Post* - sob o total de 35 textos -, a maioria foi para a crítica, sendo 14 textos nesta vertente. Já as notícias somaram 12 textos e nove foram indefinidos.

6.6 “Estreia”, o prato principal dos textos sobre televisão

Ainda de acordo com os argumentos sobre a consolidação de uma notícia, Thaís de Mendonça Jorge lança mão de uma teoria fundamental: os valores-notícias. De acordo com a autora, em *Manual do foca – guia de sobrevivência para jornalistas* (2008), os textos

jornalísticos são publicados de acordo com o preceito do profissional de jornalismo em definir “acontecimentos pelo nível de interesse ou impacto que causam no leitor” (JORGE, 2008, p. 28), avaliando “o merecimento” (*ibid.*, p. 29) da transmissão de uma informação.

A autora sugere que a viabilidade de um texto é pautada por uma espécie de interesse, denominado valor-notícia. Jorge então aponta valores que pautarão a importância, ou não, de determinados temas, sendo que alguns desses valores são fundamentais, como a atualidade (*ibid.*, p. 30). Tal argumentação merece fundamental explanação neste trabalho, pois sustenta a base de uma outra categoria de análise: o assunto mais recorrente nos textos sobre produção televisiva ficcional e roteirizada do recorte observado.

Este tema refere-se, essencialmente, ao assunto “estreias”. É perceptível que os jornais (de ambos os países e contextos sociodemográficos) têm inerente interesse por conteúdos que estejam estreando, ou que estreiarão (seja em temporada inédito, ou retorno para novo ano), assim como a tendência de determinados conteúdos, como as linhas de produções futuras dos canais, enfim, o que for novo em relação a uma série, novela, ou reality show.

No recorte analisado, textos que tenham como gênese um assunto relacionado a estreia foram latentes principalmente no contexto nacional, em que quase 50% por cento das produções foram veiculadas com ligação a este assunto. No jornal *Correio Braziliense*, por exemplo, 45,45% dos textos abordaram a estreia de novas séries (ou temporadas), ou novelas (foram 10 textos dos 22 totais). Em *O Globo*, por sua vez, tal tema foi protagonista em 42,12% dos textos (27, dos 64 totais).

Aparentemente não tão necessário no contexto norte-americano, as estreias não alcançaram 35% de presença no recorte estudado. O periódico *The Washington Post* teve o maior número neste sentido: 31,42% dos textos abordavam estreias (11, de 35). Já no *Los Angeles Times*, a porcentagem foi ainda menor, 28,84% (30, de 104) das produções estavam ligados a tal tema (**gráfico 3**).

Se faz incoerente um julgamento sobre a presença de tal assunto ser positiva ou negativa – em predominância – no contexto apontado. É impossível ignorar o quanto a presença de textos que têm como base o valor-notícia da atualidade – por meio das estreias – serem uma base de limitação ao jornal brasileiro, já que mesmo o número de notícias gerais nos periódicos tupiniquins – sobre produção televisiva ficcional e roteirizada – sendo menores, ainda assim apontam maior destaque para tal assunto.

6.7 O que os dados querem dizer

Por mais que o levantamento dos dados possa parecer uma robusta parte do trabalho, é importante assinalar que os resultados apontados são fundamentais para entender mais como a informação sobre produção televisiva ficcional e roteirizada aparece no contexto do jornalismo impresso que chega a milhares de pessoas diariamente.

Por meio da análise de conteúdo defendida por Bardin (2011), o presente trabalho ofereceu hipóteses – para limitadas categorias – contrapostas a dados para uma maior referência sobre como periódicos impressos – no recorte já delimitado – refletem a produção televisiva. Entre os resultados da análise nacional, não há maior espaço dado a produções novelescas (produto de entretenimento televisivo típico do país), pelo contrário, em relação à produção televisiva ficcional e roteirizada no Brasil, o destaque ainda é produção seriada.

É perceptível também que as variações na categoria extensão dos textos não denotam grandes diferenças entre países, já que o jornal *Correio Braziliense* teve o maior número de notícias classificadas como “grandes”, seguido pelo periódico *Los Angeles Times*, e, em sequência, por *The Washington Post* e *O Globo*.

Sobre a presença de fontes com voz dentro dos textos, o trabalho aponta a designação do gênero textual estudado. Existe uma análise geral que aponta o jornal *Correio Braziliense* como o que mais apresenta fontes em textos sobre produção televisiva ficcional e roteirizada, seguido pelo *The Washington Post*, *Los Angeles Times* e *O Globo*.

Em relação ao gênero, o jornal *O Globo* foi o que mais apresentou críticas, seguido de *Los Angeles Times*, *The Washington Post* e *Correio Braziliense*.

Nacionalmente, o assunto mais abordado entre produção televisiva ficcional e roteirizada, deu-se pela atualidade, ou seja, a perpetuação do assunto “estreia” como importante mote de produção da análise, diferentemente do contexto norte-americano, em que as estreias não são tão preponderantes.

7. INTERNACIONAL X NACIONAL: DIFERENÇAS

7.1 Contextos

A atividade jornalística que retrata a produção televisiva ficcional e roteirizada foi analisada, por este trabalho, com uma atenção especial para a observação das principais diferenças entre periódicos brasileiros e norte-americanos. Especialmente a inquietação de concluir se, de alguma forma, a produção brasileira era feita de forma mais “precária”, ou “menor”, que a do outro país.

A percepção de tal julgamento, entretanto, não se faz válida. Isto tendo em vista que pontos, tanto da produção jornalística brasileira, quanto a dos Estados Unidos – sobre o assunto indicado – guardam características positivas e negativas.

Dentro de uma visão mais empírica, percebe-se que as produções norte-americanas não apresentam maior expressão jornalística sobre produção televisiva ficcional e roteirizada. O periódico *O Globo* publicou mais conteúdo sobre o tema do que o jornal *The Washington Post*, por exemplo (foram 64 no jornal brasileiro, e 35 no norte-americano).

Contudo, é perceptível que em ambos os países o contexto demográfico é essencialmente relevante para a presença de conteúdos sobre produção televisiva. Ambos os jornais que se encontram mais próximos dos centros de produções televisivas foram os que apontaram maior número de textos do gênero analisado, respectivamente *Los Angeles Times* (104) e *O Globo* (64).

Este capítulo, em específico, tem o objetivo de abordar algumas distinções entre o trabalho jornalístico do tema abordado de forma mais subjetiva, ou seja, com um olhar voltado para as singularidades pouco concretas entre as quatro publicações.

7.2 Tudo questão de abordagem

A grande percepção desta análise se foca no fato de que não existem muitas diferenças sobre os temas abordados (que, como já explicitado no capítulo seis, retratada, essencialmente, a novidade sobre o que está na televisão, como estreias), mas sim sobre como eles são abordados.

Nos jornais norte-americanos, existe a clara maior integração e dinamismo entre as novidades da televisão com conteúdos – e especialmente reflexões – de cunho social e psicológico. Ou seja, é mais fácil que os periódicos analisados no contexto dos Estados

Unidos consigam ir além da simples transmissão de um fato (ou novidade), mas abordem também como assuntos daquela produção televisiva de entretenimento podem afetar a vida das pessoas, ou pode trazer alguma mudança a ela, ou pode, enfim e ainda, significar algo além do que está na série.

Ao trabalhar-se com exemplos práticos, tais apontamentos ficam mais claros. No dia 6 de maio, o periódico *Los Angeles Times* veiculou um texto chamado *Reasons why this resonates* (“Razões que fazem esse tema ecoar”, em tradução livre), da jornalista Yvonne Villareal. No conteúdo, o trabalho se voltava para um tema já bem gasto nas páginas de jornalismo cultural desde 2016: a polêmica em torno da série *13 Reasons Why*, da Netflix.

Ao retratar um caso de suicídio na adolescência, a produção passou a ser analisada insistentemente pelos jornais, de um lado como gatilho para quem tem propensão em tirar a própria vida, e, de outro, como inofensivo retrato de uma realidade muitas vezes enclausurada como tabu.

O texto de Villareal, entretanto, preferiu uma abordagem mais analítica e descritiva ao tratar o tema, não preso sob uma das vertentes apontadas, mas investigando as bases que levaram o público a cair em tal radicalismo.

Segue um trecho deste texto (em tradução livre):

Por um momento, a conversa é leve. É um dia quente de primavera no estacionamento da Paramount, e Katherine Langford, que acabou de fazer 21 anos, e Dylan Minnette, 20, estão conversando sobre alguma obsessão divertida da internet (a transformação de face de um aplicativo do Facebook). “Parece nojento”, diz Langford, o sotaque australiano dela é singular, e vibrante dentro da hegemonia da (loja) Starbucks. Minnette afirma: “Parece um sonho molhado de frappuccinos”. Então a conversa fica um pouco mais pesada. Faz algumas semanas desde o lançamento de *13 reasons why*, um drama da Netflix sobre o suicídio de uma garota, o que levou a dupla de novas estrelas ao foco da atenção nacional, com aparições na *Ellen*, e nesta semana no *MTV Movie & TV Awards*. Mas, além da diversão da fama, existe outra parte. A parte que eles sabiam que inevitavelmente levaria a discussão da série a muitas críticas.

Outro exemplo viável percebe-se no jornal *The Washington Post*, em matéria do dia 2 de outubro de 2017. Sob o título de *All in the family* (“Tudo em família”, em tradução livre), o jornalista Hank Stuever tem o objetivo de fazer uma crítica sobre a estreia da série *9JKL*. Escrita sobre um gênero relativamente simples de produção televisiva (as sitcoms tradicionais), Stuever prefere caminhar um pouco mais fundo em relação à análise da série.

O texto aponta toda uma contextualização histórica sobre a sociedade (e costumes) da cultura judaica ao longo dos anos em séries de televisão. A partir desta perspectiva, o jornalista então empreende uma crítica negativa sobre a produção, que vai além de percepções técnicas, mas que se argumentam também com temas de cunho social.

Outro exemplo mostra-se visível no texto *Women can play this 'game' too* (“Mulheres também podem jogar esse ‘jogo’”, em tradução livre), da jornalista Lorraine Ali, no jornal *Los Angeles Times*, no dia 29 de agosto. O texto fala sobre um tema ainda ressonante: o #MeToo, contra o assédio de gênero em ambiente de trabalho. Indo além das denúncias, Ali consegue reparar como a presença de mulheres em séries de ação, em comparação com decadentes personagens masculinos, é distinto, especialmente, em *Game of thrones*.

Na vertente nacional, o *Correio Braziliense* é o que mais fica perto da posição norte-americana em tentar integrar uma discussão mais abrangente à transmissão de uma notícia. O texto *É tudo verdade?* é um bom exemplo para desenhar tal afirmação. Publicado no dia 7 de maio, o texto do jornalista Vinicius Nader buscou tratar da exibição de duas novelas e uma série, com uma crítica em relação à positividade, ou negatividade, da publicação de temas históricos envoltos em entretenimento. A escolha do profissional ultrapassou a existência das produções e alcançou parte de uma relevância social.

Ainda outro exemplo foi o texto *Tempos delicados*, também de Vinicius Nader, veiculado no dia 27 de agosto, no *Correio Braziliense*. Para falar sobre a estreia da série *Atypical* (que aborda a história de um adolescente autista), Nader busca outras produções que também abordam o tema e realiza uma análise com um especialista para ouvir opiniões sobre o lado positivo, e os possíveis cuidados, em se retratar tal assunto. Segue trecho:

Sempre que uma produção de tevê ou de cinema trata de assuntos delicados, como o autismo, parte do público fica com a pulga atrás da orelha: como será essa representação? Isso acontece porque a linha entre a caricatura e a naturalidade é muito tênue. O caminho seguido também pode ser o da delicadeza, opção adotada por *Atypical*, série da Netflix, e pela atual temporada de *Malhação*. ‘Todo tipo de representação e de divulgação é muito importante. Ajuda bastante, mesmo que, às vezes, tenha um olhar romantizado’, afirma Ana Paula Golias, membro do Movimento Orgulho Autismo Brasil (Moab) e da Gerência de Ajuda a pessoas com autismo, do GDF.

Sob o mesmo prisma, o jornal *O Globo* lançou a crítica da jornalista Patrícia Kogut, sob o título *Série da Netflix retrata o autismo com delicadeza e humor*, no dia 22 de agosto. Neste caso, entretanto, o conteúdo versa exclusivamente sobre a estreia da série e os aspectos técnicos da mesma, o que – em geral – designa a abordagem do periódico carioca.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com 359 edições de jornais analisadas em 225 textos, este trabalho teve como mote central a observação da produção de jornalismo cultural de quatro periódicos – *Correio Braziliense*, *O Globo*, *The Washington Post* e *Los Angeles Times* – sobre o tópico produções televisivas ficcionais e roteirizadas (séries e novelas).

Tal observação justifica-se por vários parâmetros, seja pela importância histórica e social tanto do jornalismo cultural, quanto da produção seriada e novelesca, quanto pela popularidade de ambos os gêneros de produções. Nas referências teóricas, foram usadas as ideias e argumentações acadêmicas de grandes nomes da comunicação, como L. Bardin (1988), T. Jorge (2008) e D. Piza (2004).

Entre os principais resultados, foi observado que os jornais brasileiros não produzem mais textos noticiando o tema novela – apesar da maior popularidade nacional delas –, eles falam mais sobre séries. Fato curioso, que pode indicar periódicos mais dispostos a cobrir uma vertente do entretenimento não tão acessível a grande maioria da população.

Textos mais extensos – sobre ambos os assuntos – foram encontrados no periódico *Correio Braziliense*, jornal que também apresentou o maior número de fontes nos textos analisados, mas que também carrega o título de periódico com o menor número de textos sobre séries ou novelas. Uma importante inferência deste dado pode ser apontada pela linha editorial do jornal da capital, que tem pelos textos mais longos preferência perceptível.

Notou-se também que os gêneros – entre críticas, notícias ou indefinidos (que não se encaixam claramente na categoria de textos críticos ou noticiosos) – variaram entre os jornais, sendo que *O Globo* apresenta produções predominantemente em tom crítico – especialmente graças a colunista cultural Patricia Kogut –, seguido do *The Washington Post*, e diferentemente do *Correio Braziliense*, que se limita mais às notícias, e indiferente ao *Los Angeles Times*, que apresenta a maioria dos textos em formatos híbridos, apontados neste trabalho como indefinidos.

Estudar a preferência dos jornais, ou a falta dela, em relação a presença crítica dos textos é importante porque pode lançar uma luz a defesa de Piza (2004) que afirma a “evolução” do jornalismo cultural ao caminho de uma simples reflexão da indústria do entretenimento, e não tanto um provedor de análise crítica sobre a produção cultural de um país. Naturalmente, a existência de textos apenas noticiosos não necessariamente significa

uma qualidade jornalística ruim, entretanto aponta para supressão do poder crítico que o jornalismo cultural pode ter, especialmente sobre a televisão.

Outra percepção importante foi a constatação de que um dos temas mais frequentes nos jornais são ligados às estreias. Isso tendo em vista que grande parte dos textos relacionados ao recorte do trabalho se voltaram a tais novidades. Tal argumento permite uma ligação com a teoria do agendamento que, dentre outras argumentações, indica o poder dos meios de comunicação em influenciar um padrão de importância de certos assuntos perante os indivíduos de uma sociedade.

Por outro lado, a restrição das pautas jornalísticas ao assunto “estreia” – importante lembrar, que em alguns casos, quase 50% dos textos analisados trabalhava este assunto – pode limitar extremamente o conteúdo dos jornais. Tal prática, que me parece influenciada pela forma de cobertura e crítica cinematográfica (entretanto muito mais danosa, afinal, uma produção televisiva pode ser consideravelmente mais popular e, de forma temporal, muito mais duradoura do que um filme), resume a programação televisiva em datas e horários, tirando de cena toda uma proposta crítica – como já apontado nos parágrafos anteriores – e social que poderia existir.

No contraste da produção entre os dois países (Brasil e Estados Unidos), ficou mais claro como os conteúdos do recorte analisado se diferenciam pelo grau de contextualização dos temas. Isso porque as produções dos jornais norte-americanos têm a tendência em dinamizar o assunto tratado nos textos com temas sociais e, especialmente, políticos, enquanto os brasileiros se limitam à integração de assuntos da própria televisão, levando ao texto produções de entretenimento em um mesmo tópico, por exemplo.

A partir desta observação é possível fazer uma ligação com a argumentação de Carlos (2006) sobre a maior linha de complexidade e referência da realidade que os programas de entretenimento estão ganhando com o passar dos anos, e como isso pode estar sendo refletido nos veículos que reportam tais conteúdos.

Em relação a uma defesa final sobre tudo que este trabalho buscou considerar, penso que não existem respostas definitivas, mas reflexões. Os jornais brasileiros, me parece, precisam se libertar de uma “amarra” tradicionalista, que pode limitar sua qualidade. A leitura sistemática durante esses três meses de análise dos periódicos nacionais mostra um jornalismo cultural que trata televisão de forma engessada, que prefere questionar as vertentes técnicas de um programa (que, essencialmente está estreando) do que colocar em cena os valores sociais que tal conteúdo escolhe tratar.

Contudo, seria injusto exaltar as qualidades dos periódicos norte-americanos cegamente. É salutar perceber o quanto os jornais brasileiros investem mais na presença de fontes dentro do texto (mesmo que sejam os próprios atores, ou equipe técnica de uma produção) como uma forma de dar mais consistência ao conteúdo (e não apenas exaltá-lo, como ocorre nos jornais da terra do Tio Sam), e que apenas poderiam estar mais próximo da vertente social do mesmo.

Naturalmente, a profundidade da análise deste trabalho é substancialmente limitada, tendo em vista o recorte de apenas três meses sobre textos de conteúdos televisivos ficcionais e roteirizados. Entretanto, os dados e reflexões propostos podem funcionar como pequeno passo em relação a um amplo universo dos estudos em comunicação sobre entretenimento e cultura, uma vertente importante do jornalismo, e substancialmente atrativo para milhares de pessoas.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGÊNCIA EFE (2017). 'Game of thrones' bate recorde de audiência nos EUA com final da 7ª temporada. **Portal G1** [Online]. Disponível em <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/game-of-thrones-bate-recorde-de-audiencia-nos-eua-com-final-da-7-temporada.ghtml>. Acesso em 12 de outubro de 2018.
- BALLES, Alessandra; ORTEGA, Rogério; NICOLETI, Thaís; MARINHEIRO, Vaguinaldo. **Folha de S. Paulo – Manual da redação: As normas de escrita e conduta do principal jornal do país**. São Paulo: Editora Publifolha, 2018.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- CARLOS, Cássio Starling. **Em tempo real - Lost, 24 Horas, Sex and the city e o impacto das novas séries de TV**. São Paulo: Alameda, 2006.
- FARAGO, Cátia Cilene; FONFONCA, Eduardo. 2013. A Análise de conteúdo na perspectiva de Bardin: do rigor metodológico à descoberta de um caminho de significações. **Revista Linguagem (DL)**. Universidade Federal de São Carlos. Disponível em <http://www.letras.ufscar.br/linguagem/edicao18/artigos/007.pdf>. Acesso em 17 de outubro de 2018.
- FERREIRA, Cláudio. **Beijo amordaçado - a censura às telenovelas durante a ditadura militar**. Brasília: Ler editora, 2016.
- HOHLFELDT, Antonio. MARTINO, Luiz. FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da comunicação - Conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- ISKANDAR, Jamil Ibrahim. **Normas da ABNT comentadas para trabalhos científicos**. Curitiba: Editora Universitária Champagnat, 2000.
- JORGE, Thaís de Mendonça. **Notícias em fragmentos – Análise de conteúdo no jornalismo**. Florianópolis: Editora Insular, 2008.
- JÚNIOR, Luiz Costa Pereira. **A apuração da notícia**. 2. ed. Petrópolis: Editora vozes. 2006.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo; OROZ, Guillermo. **Convergências e Transmidiação da Ficção Televisiva - Obitel 2010**. São Paulo: Globo Universidade, 2010.
- PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.
- REDAÇÃO (2017). Final de 'A Força do Querer' bate os 50 pontos de audiência. **Revista Veja** [Online]. Disponível em <https://veja.abril.com.br/entretenimento/final-de-a-forca-do-querer-bate-os-50-pontos-de-audiencia/>. Acesso em 12 de outubro de 2018.
- SANTOS, Adriana Omena; TONUS, Mirna. Usos da AC em trabalhos de conclusão de curso de jornalismo. In: JORGE, Thaís de Mendonça. **Notícias em fragmentos - Análise de conteúdo no jornalismo**. Florianópolis: Editora Insular. 2015. p. 321-331.
- SANTOS, Fernando Marsaro. 2012. Análise de conteúdo: A visão de Laurence Bardin. **Revista Eletrônica de Educação**. Universidade Católica de Brasília. Disponível em

<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/291>. Acesso em 17 de outubro de 2018.

10. ANEXOS

Apontamentos detalhados com os textos analisados – com presença da data, título, autor, breve resumo, indicação da presença de fonte, e extensão. Os dias subtraídos deste apontamento significam a ausência de textos.

Correio Braziliense

Total: 93 dias

Maio: 7 textos

Assunto: Séries (6 textos) – Novelas (1 texto)

Autores: Comuns (6 textos) – Redação (1 texto)

Extensão: Grande (7 textos) – Padrão (0 texto) – Pequeno (0 texto)

Fontes: Com fonte (3 textos) – Sem fonte (4 textos)

Agosto: 7 textos

Assunto: Séries (7 textos) – Novelas (1 texto)

Autores: Comuns (7 textos) – Redação (0 texto)

Extensão: Grande (6 textos) – Padrão (1 texto) – Pequeno (0 texto)

Fontes: Com fonte (6 textos) – Sem fonte (1 texto)

Outubro: 8 textos (sendo três do próprio autor deste trabalho)

Assunto: Séries (8 textos) – Novelas (0 texto)

Autores: Comuns (8 textos) – Redação (0 texto)

Extensão: Grande (8 textos) – Padrão (0 texto) – Pequeno (0 texto)

Fontes: Com fonte (6 textos) – Sem fonte (2 textos)

Total: 22 textos

Assunto: Séries (22 textos) – Novelas (3 textos)

Autores: Comuns (21 textos) – Redação (1 texto)

Extensão: Grande (21 textos) – Padrão (1 texto) – Pequeno (0 texto)

Fontes: Com fonte (15 textos) – Sem fonte (7 textos)

Maio

- 7 de maio

“É tudo verdade?”, por Vinicius Nader. Fala sobre séries e novelas que abordam contextos históricos. Com fonte. Extensão grande.

“*Neruda* por outro ângulo”, por redação. Fala sobre a estreia, no Brasil, da série *Neruda*. Com fonte. Extensão grande.

“*Sense8* tem mais ação”, por Adriana Izel. Fala sobre a estreia da série *Sense8*. Sem fonte. Extensão grande.

- 14 de maio

“O caminho da delicadeza”, por Vinicius Nader. Fala sobre a linha narrativa da novela *A força do querer*. Sem fonte. Extensão grande.

- 21 de maio

“O excesso de tramas de heróis”, por Adriana Izel. Fala sobre o excesso de séries de super-heróis. Sem fonte. Extensão grande.

- 28 de maio

“Quando a arte imita a vida”, por Adriana Izel e Matheus Dantas. Fala sobre as séries políticas. Com fonte. Extensão grande.

“O velho jogo da política”, por Adriana Izel e Alexandre de Paula. Fala sobre a estreia da série *House of cards*. Sem fonte. Extensão grande.

Agosto

- 13 de agosto

“Pai e ponto”, por Rebeca Oliveira. Fala sobre séries que abordam a paternidade. Com fonte. Extensão Grande.

“Quatro vezes super-heróis”, por Adriana Izel, Fala sobre a estreia da série *Os defensores*. Com fontes. Extensão grande.

“Os melhores pais da séries”, por Adriana Izel. Fala sobre as séries com os pais mais divertidos. Sem fonte. Extensão grande.

- 20 de agosto

“A vida como ela é”, por Adriana Izel. Fala sobre séries próximas da realidade. Com fonte. Extensão grande.

“Dos quadrinhos à telinha”, por Adriana Izel. Fala sobre a estreia da série *The Tick*. Com fonte. Extensão grande.

- 27 de agosto

“Tempos delicados”, por Vinicius Nader. Fala sobre séries e novelas que tratam de autismo. Com fonte. Extensão grande.

“A rota do narcotráfico”, por Adriana Izel. Fala sobre a nova temporada da série *Narcos*. Com fonte. Extensão padrão.

Outubro

- 1º de outubro

“Para rir e chorar”, por Adriana Izel. Fala sobre as séries que se encaixam no gênero dramêdia. Com fonte. Extensão grande.

“Com cara de novela mexicana”, por Adriana Izel. Fala sobre a nova temporada da série *Club de cuervos*. Com fonte. Extensão grande.

- 8 de outubro

“Uma artista multifacetada”, por Adriana Izel. Fala sobre a atriz Bruna Lombardi e o trabalho na série *A vida secreta dos casais*. Com fonte. Extensão grande.

*1 “Os gênios estão voltando”, por Ronayre Nunes. Fala sobre a estreia das novas temporadas das séries *The big bang theory* e *Young Sheldon*. Sem fonte. Extensão grande.

- 15 de outubro

*1 “É herói que não acaba mais!”, por Ronayre Nunes, fala sobre a popularidade das séries de super-heróis. Sem fontes. Extensão grande.

- 18 de outubro

*2 “Tramas de vida e morte”, por Ronayre Nunes. Fala sobre a popularidade de séries médicas. Com fontes. Extensão grande.

- 22 de outubro

“Os segredos do mundo invertido”, por Adriana Izel. Fala sobre a estreia da série *Stranger things*. Com fonte. Extensão grande.

² * Matéria de autoria própria.

“Muito além da Bruna Surfistinha”, por Adriana Izel. Fala sobre a nova temporada da série *Me chama de Bruna*. Com fonte. Extensão grande.

O Globo

Total: 93 dias

Mai: 22 textos

Assunto: Séries (19 textos) – Novelas (3 textos)

Autores: Comuns (22 textos) – Redação (0 texto)

Extensão: Grande (10 textos) – Padrão (12 textos) – Pequeno (0 texto)

Fontes: Com fonte (6 textos) – Sem fonte (16 textos)

Agosto: 22 textos

Assunto: Séries (18 textos) – Novelas (4 textos)

Autores: Comuns (22 textos) – Redação (0 texto)

Extensão: Grande (8 textos) – Padrão (14 textos) – Pequeno (0 texto)

Fontes: Com fonte (7 textos) – Sem fonte (15 textos)

Outubro: 20 textos

Assunto: Séries (14 textos) – Novelas (6 textos)

Autores: Comuns (20 textos) – Redação (0 texto)

Extensão: Grande (6 textos) – Padrão (13 textos) – Pequeno (1 texto)

Fontes: Com fonte (6 textos) – Sem fonte (14 textos)

Total: 64 textos

Assunto: Séries (51 textos) – Novelas (13 textos)

Autores: Comuns (64 textos) – Redação (0 texto)

Extensão: Grande (24 textos) – Padrão (39 texto) – Pequeno (1 texto)

Fontes: Com fonte (19 textos) – Sem fonte (45 textos)

Mai

- 2 de maio

“Einstein, um retrato do gênio desde a juventude”, por Patrícia Kogut. Fala sobre a série de *Genius – A vida de Einstein*, do Nat Geo. Sem fonte. Extensão Padrão.

- 3 de maio

“O drama da HBO que retrata o lado sombrio do paraíso”, por Patrícia Kogut. Fala sobre a série *Big little lies*, da HBO. Sem fonte. Extensão padrão.

- 5 de maio

“Segunda temporada de *Billions* tem episódio sensacional”, por Patrícia Kogut. Fala sobre um episódio da série *Billions*. Sem fonte. Extensão padrão.

- 7 de maio

“A nada mole vida de um ‘perdedor’”, por Zean Bravo. Fala sobre a estreia da série *Prata da casa*, do canal FOX. Com fonte. Extensão grande.

“Algumas razões do sucesso da nova trama”, por Patrícia Kogut. Fala sobre a linha narrativa da novela *A força do querer*. Sem fonte. Extensão padrão.

- 10 de maio

“*Malhação* estreia temporada com parto no metrô de São Paulo”, por Patrícia Kogut. Fala sobre a estreia da novela *Malhação*. Sem fonte. Extensão grande.

“Garota do lixo ao luxo”, por Eduardo Graça. Fala sobre a estreia da série *New girl*. Com fonte. Extensão grande.

- 12 de maio

“*Better call Saul* supera *Breaking bad*?”, por Patrícia Kogut, compara as séries *Better call Saul* e *Breaking Bad*. Sem fonte. Extensão padrão.

- 14 de maio

“Identidade de gênero na novela das 21h”, por Patrícia Kogut. Fala sobre a linha narrativa da novela *O outro lado do paraíso*. Sem fonte. Extensão grande.

- 15 de maio

“*The Leftovers* acertou em cheio”, por Fabiano Rustow. Fala sobre o fim da série *The Leftovers*. Sem fonte. Extensão padrão.

- 16 de maio

“*The Americans* faz concessão ao lirismo e ao romance”, por Patrícia Kogut. Fala sobre a linha narrativa de *The Americans*. Sem fonte. Extensão padrão.

- 17 de maio

“Duas séries medianas que merecem a sua atenção”, por Patrícia Kogut. Fala sobre as séries *24: Legacy* e *Designated survivor*. Sem fonte. Extensão padrão.

- 18 de maio

“De volta a *Twin peaks*”, por Liv Brandão. Fala sobre a estreia da série *Twin peaks*. Com fonte. Extensão grande.

- 23 de maio

“*Twin peaks* mantém o mistério e o charme, mas os tempos são outros”, por Patrícia Kogut. Fala sobre a estreia da série *Twin peaks*. Sem fonte. Extensão padrão.

- 25 de maio

“Mocinha de *Downton Abbey*, Joanne Froggatt é assassina em nova série”, por Patrícia Kogut. Fala sobre a estreia da série *Dark angel*. Sem fonte. Extensão padrão.

- 26 de maio

“Chave de cadeia”, por Zean Bravo. Fala sobre a estreia da série *Carcereiros*. Com fonte. Extensão grande.

- 27 de maio

“O que levou Jimmy McGill e se chamar Saul Goodman?”, por Patrícia Kogut. Fala sobre a série *Better call Saul*. Sem fonte. Extensão padrão.

- 28 de maio

“Sexo, confusão e gritaria”, por Zean Bravo. Fala a estreia da série *Edifício paraíso*. Com fonte. Extensão grande.

- 29 de maio

“As séries de TV do momento”, por Raphael Montes. Fala sobre algumas novas séries populares. Sem fonte. Extensão grande.

- 30 de maio

“Demasiado Humano”, por Pedro Doria. Fala sobre a nova temporada de *House of cards*. Com fonte. Extensão grande.

“*House of cards*”, por Patrícia Kogut. Crítica sobre a nova temporada da série *House of cards*. Sem fonte. Extensão padrão.

- 31 de maio

“Altos e baixos da última temporada de *Bloodline*”, por Patrícia Kogut. Fala sobre a última temporada de *Bloodline*. Sem fonte. Extensão grande.

Agosto

- 3 de agosto

“No seu segundo capítulo, *Sob pressão* ganha ainda mais força”, por Patrícia Kogut. Fala sobre a série *Sob pressão*. Sem fonte. Extensão padrão.

- 6 de agosto

“*A Vila* leva comédia para a rua”, por Alessandro Glannini. Fala sobre a estreia de *A Vila*. Com fonte. Extensão grande.

“Grande elenco e humor refinado”, por Patrícia Kogut. Fala sobre a série *Filhos da pátria*. Sem fontes. Extensão grande.

- 8 de agosto

“*Game of thrones* tem um dos seus melhores episódios”, por Patrícia Kogut. Fala sobre um episódio da série *Game of thrones*. Sem fonte. Extensão padrão.

- 9 de agosto

“Tudo acontecendo ao mesmo tempo em *A força do querer*”, por Patrícia Kogut. Fala sobre as linhas narrativas da novela. Sem fontes. Extensão Padrão.

- 10 de agosto

“Não teve para os piratas: *Got* explodiu em audiência”, por Patrícia Kogut. Fala sobre os vazamentos na série *Game of thrones*. Sem fontes. Extensão padrão.

- 12 de agosto

“Ação entre quatro paredes”, por Eduardo Graça. Fala sobre a série *Room 104*, da HBO. Com fontes. Extensão grande.

- 13 de agosto

“O lado B da luta contra o mal”, por Liv Brandão. Fala sobre a estreia da série *Os defensores* da Netflix. Com fontes. Extensão grande.

- 15 de agosto

“*The Sinner*, com Jessica Biel, é série de suspense diferente”, por Patrícia Kogut. Fala sobre a série *The Sinner*. Sem fonte. Extensão padrão.

- 17 de agosto

“*Game of thrones*, a pirataria, os spoilers e o Marketing”, por Patrícia Kogut. Fala sobre o processo de divulgação da série *Game of thrones*. Sem fontes. Extensão padrão.

- 19 de agosto

“Uma viagem familiar rumo a fantasias infantis”, por Patrícia Kogut. Fala sobre a série *The lowe files*. Sem fontes. Extensão padrão.

- 21 de agosto

“A adolescente cresceu”, por Liv Brandão. Fala sobre a série *Riviera*. Com fontes. Extensão grande.

- 22 de agosto

“Série da Netflix retrata o autismo com delicadeza e humor”, por Patrícia Kogut. Fala sobre a série *Atypical*. Sem fonte. Extensão padrão.

“*This is us*, a grande família”, por Liv Brandão. Fala sobre a série *This is us*. Com fontes. Extensão grande.

- 23 de agosto

“*Os dias eram assim* tem capítulo comovente”, por Patrícia Kogut. Fala sobre a carga emocional da série *Os dias eram assim*. Sem fontes. Extensão padrão.

- 26 de agosto

“O drama de Ivana vai além dos tabus clássicos da televisão”, por Patrícia Kogut. Fala sobre uma das linhas narrativas da novela *O outro lado do paraíso*. Extensão padrão. Sem fontes.

“Ficção e realidade das prisões, com tipos fellinianos”, por Carlos de Almeida. Fala sobre a série *Leonera* da Netflix. Com fontes. Extensão grande.

- 27 de agosto

“Aqui se faz, aqui se paga”, por Naiara Andrade. Fala sobre as linhas narrativas da novela *O outro lado do paraíso*. Com fontes. Extensão grande.

- 29 de agosto

“O fim da sétima temporada de *Game of thrones*”, por Patrícia Kogut. Fala sobre o fim da temporada da série. Extensão padrão. Sem fontes.

- 30 de agosto

“O fim da temporada de *Got* e o eco das séries nas redes sociais”, por Patrícia Kogut. Fala sobre o fim da temporada de *Game of thrones* e os comentários nas redes sociais. Extensão padrão. Sem fontes.

- 31 de agosto

“*A força do querer* e a transição de gênero”, por Patrícia Kogut. Fala sobre um personagem em transição de gênero na novela. Extensão Padrão. Sem fontes

“*Got: Inverno*”, por Cora Rónai. Fala sobre a linha narrativa da série. Sem fontes. Extensão padrão.

Outubro

- 1º de outubro

“Sexo, terapia e crime”, por Alessandro Giannini. Fala sobre a estreia da série *A vida secreta dos casais*. Com fonte. Extensão grande.

- 6 de outubro

“O rei do (mau) humor”, por Eduardo Graça. Fala sobre a série *Curb your enthusiasm*. Com fonte. Extensão grande.

- 10 de outubro

“Novela das 18h faz imaginar que o tempo não passou (no bom sentido)”, por Patrícia Kogut. Fala sobre a novela *Tempo de amar*. Sem fonte. Extensão padrão.

- 13 de outubro

“A estreia da nova temporada da ‘ruim/boa’ *Designated survivor*”, por Patrícia Kogut. Fala sobre a nova temporada da série *Designated survivor*. Sem fontes. Extensão padrão.

- 14 de outubro

“O ‘gente como a gente’ da televisão está de volta”, por Patrícia Kogut. Fala sobre a estreia da nova temporada da série *This is us*. Sem fontes. Extensão padrão.

- 15 de outubro

“A trama das 21h é uma novela moderna”, por Patrícia Kogut. Fala sobre a linha narrativa da novela *O outro lado do paraíso*. Sem fontes. Extensão padrão.

- 16 de outubro

“A ‘Trumpfobia’ invade as séries americanas”, por Patrícia Kogut. Fala sobre como as séries tratam o presidente norte-americano. Sem fontes. Extensão padrão.

- 17 de outubro

“Crime da década de 1980 vira série da franquia *Law & Order*”, por Patrícia Kogut. Fala sobre a linha narrativa da série *Law & Order*. Sem fonte. Extensão pequena.

“Mais história a caminho”, por Liv Brandão. Fala sobre a nova temporada da série *Orphan black*. Com fonte. Extensão grande.

- 18 de outubro

“A resposta de Bibi, uma cena que vem sendo construída há tempos”, por Patrícia Kogut. Fala sobre uma cena da novela *O outro lado do paraíso*. Sem fonte. Extensão padrão.

- 21 de outubro

“Autismo e síndrome de Savant em drama médico”, por Patrícia Kogut. Fala sobre a linha narrativa da série *The good doctor*. Sem fontes. Extensão padrão.

- 22 de outubro

“Agora é guerra”, por Liv Brandão. Fala sobre estreia da nova temporada de *The walking dead*. Com fonte. Extensão grande.

“Machismo e assédio no horário nobre”, por Zean Bravo. Fala sobre a linha narrativa da novela *O outro lado do paraíso*. Com fonte. Extensão grande.

- 25 de outubro

“Os altos e baixos da estreia de *O outro lado do paraíso*”, por Patrícia Kogut. Fala sobre a linha narrativa da novela *O outro lado do paraíso*. Sem fontes. Extensão padrão.

- 26 de outubro

“Bagulhos sinistros”, por Liv Brandão. Fala sobre a estreia da série *Stranger things* da Netflix. Com fontes. Extensão grande.

“A decepcionante reestreia de *The walking dead*”, por Patrícia Kogut. Fala sobre a estreia da nova temporada de *The walking dead*. Sem fonte. Extensão padrão.

- 28 de outubro

“Personagens que vão além do simples maniqueísmo em *Liar*”, por Patrícia Kogut. Fala sobre a estreia da série *Liar*. Sem fontes. Extensão padrão.

- 29 de outubro

“Corrupção e DR sobre os escombros”, por Zean Bravo. Fala sobre a estreia de *Treze dias longe do sol*. Com fonte. Extensão grande.

“Novela das 21h é boa promessa desde já”, por Patrícia Kogut. Fala sobre a estreia da nova novela *O outro lado do paraíso*. Sem fontes. Extensão padrão.

- 30 de outubro

“A boa atriz que substituirá Claire Foy na série da Netflix *The Crown*”, por Patrícia Kogut. Fala sobre a nova temporada de *The Crown*. Sem fonte. Extensão padrão.

Los Angeles Times

Total: 93 dias

Maio: 31 textos

Assunto: Séries (31 textos) – Novelas (0 texto)

Autores: Comuns (27 textos) – Redação (4 textos)

Extensão: Grande (18 textos) – Padrão (4 textos) – Pequeno (9 textos)

Fontes: Com fonte (13 textos) – Sem fonte (18 textos)

Agosto: 54 textos

Assunto: Séries (54 textos) – Novelas (0 texto)

Autores: Comuns (45 textos) – Redação (9 textos)

Extensão: Grande (34 textos) – Padrão (10 textos) – Pequeno (10 textos)

Fontes: Com fonte (25 textos) – Sem fonte (29 textos)

Outubro: 19 textos

Assunto: Séries (19 textos) – Novelas (0 texto)

Autores: Comuns (17 textos) – Redação (2 textos)

Extensão: Grande (9 textos) – Padrão (5 textos) – Pequeno (5 textos)

Fontes: Com fonte (6 textos) – Sem fonte (13 textos)

Total: 104 textos

Assunto: Séries (104 textos) – Novelas (0 texto)

Autores: Comuns (89 textos) – Redação (15 texto)

Extensão: Grande (61 textos) – Padrão (19 texto) – Pequeno (24 textos)

Fontes: Com fonte (44 textos) – Sem fonte (60 textos)

Maio

- 2 de maio

“Netflix adds more advisories”, por redação. Fala sobre mais anúncios na série *13 reasons why*. Sem fontes. Extensão pequena.

- 3 de maio

“Getting her version of hell right”, por Libby Hill. Fala sobre três roteiristas que escrevem *The Handmaid’s Tale*. Com fonte. Extensão grande.

- 4 de maio

“It’s *Fargo* but by way of L.A.”, por Yvonne Villarreal. Fala sobre as gravações de *Fargo* em Los Angeles. Com fonte. Extensão pequena.

“Handmaid receives a 2nd season”, por Meredith Blake. Fala sobre a renovação da série *The handmaid’s tale*. Extensão pequena. Sem fontes.

“CBS dominates its rivals again”, por redação. Fala sobre a dominância de audiência com séries do canal CBS. Sem fonte. Extensão pequena.

- 5 de maio

“Barkley will bring bite to *Race*”, por Lorraine Ali. Fala sobre a nova série *American race*. Com fonte. Extensão grande.

- 6 de maio

“Reasons why this resonates”, por Yvonne Villareal. Fala sobre como série *13 Reasons Why* levantou o debate sobre suicídio. Com fonte. Extensão grande.

“Thrones spinoffs in the works”, por redação. Fala sobre os spin-offs da série *Game of thrones*. Sem fontes. Extensão pequena.

- 7 de maio

“The elusive female gaze finds a hold on TV”, por Meredith Blake. Fala sobre a expansão do ponto de vista feminino na séries. Com fonte. Extensão grande.

- 8 de maio a 10 de maio

Nada.

- 11 de maio

“Netflix goes to green gables”, por Lorraine Ali. Fala sobre a série *Anne with an E*. Sem fonte. Extensão grande.

“Art-world tale gets hung up”, por Robert Lloyd. Fala sobre a chegada da série *I love Dick* na Amazon. Sem fonte. Extensão grande.

- 13 de maio

“Again, a *Master of the fraught setting*”, por Lorraine Ali. Fala sobre a nova temporada da série *Master of none*, da Netflix. Sem fonte. Extensão grande.

“CBS new shows still not diverse”, por Greg Braxton. Fala sobre a falta de diversidade nas séries do canal CBS. Sem fonte. Extensão pequena.

- 15 de maio

“At NBC, revival of ‘Must see TV’”, por Stephen Battaglio. Fala sobre as novas séries do canal NBC. Sem fonte. Extensão pequena.

- 16 de maio

“TV networks adapt to ad-skipping viewers”, por Meg James e Stephen Battaglio. Fala sobre como os canais estão usando dados mais avançados para identificar audiência e mirar publicidade. Com fonte. Extensão grande. (Fora da editoria de cultura).

“Worry over suicide drama”, por Amy Kaufman. Fala sobre a preocupação de professores em relação a série *13 reasons why*, que veicula suicídio. Com fonte. Extensão grande.

- 17 de maio

“Rhimes retires *Scandal*”, por Greg Braxton. Fala sobre o fim da série *Scandal*. Sem fonte. Extensão pequena.

- 18 de maio

“Netflix orders ‘Arrested’”, por Nardine Saad. Fala sobre a renovação, pela Netflix, da série *Arrested development*. Sem fonte. Extensão pequena.

- 19 de maio

“CBS marks a sweeping win”, por redação. Fala sobre a liderança de audiência da emissora CBS. Sem fonte. Extensão padrão.

- 20 de maio

“TV lineups playing it safe”, por Stephen Battaglio e Meg James. Fala sobre uma nova fase de reciclagens de séries de comédia. Com fonte. Extensão grande.

“Can the ‘Peaks’ be hit again?”, por Greg Braxton. Fala sobre a volta da série *Twin peaks*. Com fonte. Extensão grande.

- 21 de maio

“Body slams with a little poetry”, por Robert Lloyd. Fala sobre a estreia da série *Glow*, da Netflix. Sem fonte. Extensão grande.

- 22 de maio

“Networks turn back time”, por Meredith Blake. Fala sobre as séries que estão sendo recicladas pelas emissoras. Sem fonte. Extensão grande.

- 23 de maio

“*Twin peaks* picks up the thread”, por Robert Lloyd. Fala sobre a volta da série *Twin peaks*. Sem fonte. Extensão padrão.

“Playing dead alongside ‘Gods’”, por Meredith Woerner. Fala sobre a série *American Gods*. Com fonte. Extensão grande.

- 26 de maio

“In this political TV drama, the hero is Beijing”, por Gaochao Zhan. Fala de uma série chinesa que lembra *House of cards*. Com fonte. Extensão grande.

- 28 de maio

“TNT has nailed it”, por Greg Braxton. Fala sobre a estreia da série *Claws*. Com fonte. Extensão grande.

“Her picture perfect life becomes – complicated”, por Meredith Blake. Fala sobre a estreia da série *Gypsy*, da Netflix. Sem fonte. Extensão padrão.

“A cold wind is blowing”, por Lorraine Ali. Fala sobre as expectativas para a próxima temporada de *Game of thrones*. Sem fonte. Extensão grande.

“Ready for heroics in a New York minute”, por Meredith Woerner. Fala sobre as séries de super-heróis que estreiam na próxima temporada. Com fonte. Extensão grande.

- 29 de maio

“When Rhimes meets the Bard”, por Lorraine Ali, crítica sobre a estreia da série *Still star-crossed*. Sem fonte. Extensão padrão.

Agosto

- 1º de agosto

“A ‘Thrones’ exit with defiance”, por Chris Barton. Fala sobre a saída da atriz Diana Rigg da série *Game of thrones*. Sem fontes. Extensão grande.

“Netflix’s Burnett project”, por Libby Hill. Fala sobre o novo projeto da comedianta Carol Burnett para o canal de streaming da Netflix. Sem fontes. Extensão pequena.

- 2 de agosto

“The devil is in the details of this twist why-dunit”, por Robert Lloyd. Crítica da série *The Sinner* do canal USA. Extensão grande. Sem fontes.

“CBS execs grilled over diversity”, por Greg Braxton. Fala sobre as denúncias de que o canal CBS não apresenta séries com mulheres e negros sendo protagonistas. Com fontes. Extensão padrão.

- 3 de agosto

“10 years on, still ‘hot’, funny”, por Robert Lloyd sobre a série *Wet hot american summer*, da Netflix. Sem fonte. Extensão grande.

“‘Talent’ drives NBC to the top”, por redação. Fala sobre a liderança de audiência do programa *America’s Got Talent* na última temporada de exibição (primeira parte do ano) e da audiência de outros programas. Sem fonte. Extensão pequena.

- 4 de agosto

“NBC chief ok with ‘Tonight Show’ as No. 2” - Escrito por Stephen Battaglio. Fala sobre o talk-show *The tonight show* está com audiência baixa e o fato disto está ligado com a possível recusa do apresentador em abordar temas políticos. Com fonte. Extensão pequena. (Fora da editoria de cultura).

“NBC pushes to get female directors”, por Yvone Villarreal e Meg James. Fala sobre um novo projeto da emissora NBC para influenciar mulheres a dirigir episódios de séries. Com fonte. Extensão pequena.

“Kardashians to salute 10 years”, por Nardine Saad. Fala sobre um episódio especial do reality-show *Keeping up with the Kardashians* para celebrar os 10 anos do programa. Sem fonte, Extensão pequena.

“A moving journey back to *Everwood*”, por Sarah Rodman. Fala sobre um reencontro de parte do elenco da série *Everwood*. Extensão padrão. Com fonte.

- 5 de agosto

“Nielsen is asked for full picture”: escrito por Stephen Battaglio. Fala sobre os novos modos de se medir audiência pela empresa Nielsen. Com fontes. Extensão grande. (Fora da editoria de cultura).

“It’s tough to be Ray”: escrito por Yvonne Villareal. Fala sobre a série *Ray Donovan* e a nova temporada da série. Com fontes. Extensão grande.

“*Little Mermaid* delayed”, por Nardine Saad. Fala sobre o adiamento da estreia de um programa na emissora ABC. Com fontes. Extensão pequena.

“*Will & Grace* will navigate new era”, por Meredith Blake. Fala sobre a importância da série *Will & Grace* para a maior tolerância social e presença no entretenimento da comunidade LGBTQ+. Com fonte. Extensão grande

- 7 de agosto

“Critics honor top shows”, por Yvonne Villareal. Fala sobre a premiação do TCA Awards que tinha premiado algumas séries aclamadas pela crítica, como *The handmaid’s tale*, e a presença de séries que conta a história de minorias. Com fonte. Extensão padrão.

- 8 de agosto

“Dragon attack heats up ‘Game’”, por Meredith Woerner. Crítica sobre o último episódio de *Game of thrones*. Sem fonte. Extensão grande.

“ABC chief details *Roseanne*”, por Stephen Bataglio. Fala sobre como se dará o enredo da nova série *Roseanne*. Com fonte. Extensão padrão.

- 9 de agosto

“David Letterman to host 6-episodes Netflix series”, por Stephen Bataglio. Fala sobre o novo programa do apresentador David Letterman, Extensão grande. Com fonte.

“*Mr. Mercedes* takes slow, and that’s ok”, por Robert Lloyd. Fala sobre a nova série *Mr. Mercedes*. Extensão grande. Sem fonte.

- 10 de agosto

“An ‘atypical’ take on autism”, por Lorraine Ale. Fala sobre a estreia da nova série *Atypical*, da Netflix. Extensão padrão. Sem fonte.

“‘Paradise’ with new boundaries”, escrito por Andy Dehnart. Fala sobre as novas regras de convivência dos participantes do reality show *Bachelor in Paradise*. Sem fonte. Extensão padrão.

“Buzzmeter”, por redação, faz um apanhado de apostas para o Emmy. Com fontes. Extensão grande.

“Make the fantastic believable”, por Daren James. Fala sobre novos programas que evoluíram os efeitos especiais da série. Com fontes. Extensão grande.

- 11 de agosto

“NBC wins, ‘Thrones’ breaks its own record”, por redação. Faz uma análise da audiência de todas as séries da última temporada (de outubro de 2016 até junho/julho de 2017). Sem fonte. Extensão grande.

“From one crime case to another”, por Yvonne Villarreal. Fala sobre a nova série *American crime history: the assassination of Gianni Versace*, de Ryan Murphy. Com fonte. Extensão grande.

“Fox talks up new singing show”, por Yvonne Villarreal. Fala sobre *The four*, o novo reality musical do canal Fox. Com fonte. Extensão pequena.

- 12 de agosto

“A hot and often heated subject”, por Meredith Blake. Fala sobre a discussão de diversidade nas séries. Extensão padrão. Sem fonte.

- 12 de agosto

“*Get shorty* given a fresh new take”, por Robert Lloyd. Fala sobre a nova série *Get Shorty*. Extensão grande. Sem fonte.

- 13 de agosto

“They escape one scrape and zip toward another”, escrito por Meredith Woerner, entrevista com os criadores da série *Rick and Morty*, Extensão grande. Com fonte.
“Netflix best big on stand up” – escrito por Nardine Saad. Fala sobre os especiais da Netflix para comédia. Extensão padrão.

- 15 de agosto

“From network to Netflix”, escrito por Mag James, David Ng e Tracey Lien. Fala sobre a contratação, por parte da Netflix, da produtora Shonda Rhimes. Com fonte. Extensão grande. (Fora da editoria de cultura).

“A look at Shondaland’s hits and misses at ABC”, por Yvonne Villarreal. Fala sobre o histórico da produtora Shonda Rhimes na ABC. Sem fonte. Extensão Grande.

“Gendry returns (not empty-handed)”, por Sarah Rodman, é uma crítica do último episódio da série *Game of thrones* exibida até então. Com fonte. Extensão grande.

- 16 de agosto

“‘Walking dead’ producers sue”, por Samantha Masunaga. Fala de um processo envolvendo os direitos autorais da série *The walking dead*. Extensão grande. Sem fonte.

“Thrones, Talent reign”, por redação. Fala sobre as séries e programas de maior audiência. Sem fonte. Extensão grande.

- 17 de agosto

“Ready to save the day... in a bit”, por Lorraine Ali, crítica do especial da série *Os Defensores*. Sem fonte. Extensão grande.

“Key scenes”, por Randee Dawn. Fala sobre o processo de produção de cenas chaves nas séries. Com fonte. Extensão grande.

“Who will win?”, por redação. Faz um apanhado dos melhores episódios do ano para concorrer no Emmy. Sem fonte. Extensão grande.

- 20 de agosto

“Nostalgia drives a revival of reruns”, por Meg James e Yvonne Villarreal. Fala sobre o momento de retorno para as telas de séries que fizeram muito sucesso no passado. Com fonte. Extensão grande. (Fora da editoria de cultura)

- 22 de agosto

“He lives to wield flaming sword”, por Chris Barto. Fala sobre a reta final de *Game of thrones* sob a perspectiva do ator Richard Dormer, que está na série. Com fonte. Extensão grande.

“HBO show reveals what makes a team tick”, por Chris Erskine. Fala sobre a estreia da 12ª temporada do reality-show *Hard knocks*, uma espécie de crítica. Sem fonte. Extensão padrão.

- 23 de agosto

“How Netflix guesses what you might like”, por redação. Fala sobre o sistema de algoritmo da Netflix e como ele identifica o gosto das pessoas por séries. Extensão grande. Com fonte. (Fora da editoria de cultura).

“The first reality star”, por Meredith Blake. fala sobre como conteúdos televisivos se basearam na vida da princesa Diana ao longo dos anos. Sem fontes. Extensão grande.

- 24 de agosto

“‘The Tick’ will latch on to you”, por Robert Lloyd, crítica sobre a estreia da série *The Tick*. Sem fonte. Extensão padrão.

“*Disjointed* on high road”, por Robert Lloyd, crítica da estreia de *Disjointed*, série da Netflix. Sem fontes. Extensão grande.

“‘Talent’ makes an impression”, por redação. Análise de audiência das séries. Sem fonte. Extensão pequena.

- 27 de agosto

“*Broad city* in a changed landscape”, por Meredith Blake. Crítica sobre a estreia de *Broad City*. Sem fonte. Extensão grande.

- 28 de agosto

“This started the big endings”, por Stephen Battaglio. Fala sobre como a série *The fugitive* mudou o panorama dos finais de série (ainda em 1960). Com fonte. Extensão grande.

- 29 de agosto

“*Death note* was a killer to make”, por Jen Yamato. Fala sobre a nova série da Netflix (crítica e reflexão sobre adaptações). Extensão grande. Com fonte.

“Women can play this ‘game’ too”, por Lorraine Ali. Fala sobre os papéis femininos na série *Game of thrones*, e algumas questões que ainda precisam ser respondidas. Sem fonte. Extensão grande.

“Fan theories for the long winter ahead”, por Meredith Woerner. Fala sobre teorias que podem apontar o fim da série *Game of thrones*. Sem fonte. Extensão grande.

“When ice and fire meet”, por Lorraine Ali. Fala sobre o maior numero de ação nas últimas temporadas de *Game of thrones*. Sem fontes. Extensão padrão.

- 31 de agosto

“Littleff inger tells all”, por Meredith Woerner, é uma entrevista com o ator Aindan Gillen para falar sobre seu personagem em *Game of thrones*. Com fonte. Extensão grande.

“Thrones finale tops own record”, por redação. Fala sobre a audiência de *Game of Thrones*. Sem fontes. Extensão padrão.

Outubro

- 1º de outubro

“She’s blazing a trail in a ‘Transparent’ world”, por Yvonne Villarreal. Fala sobre o trabalho da atriz Alexandra Billings na série *Transparent* e a importância da participação da comunidade LGBTQ+ em séries. Com fonte. Extensão grande.

- 2 de outubro

“‘Mayor’ hits the right notes”, por Lorraine Ali. Fala sobre as novas estreias de séries. Sem fonte. Extensão padrão.

- 3 de outubro

“It’s is if the ‘Curb’ gang never left”, por Robert Lloyd. Fala sobre a longevidade de séries de humor e o quanto elas são parecidas. Sem fonte. Extensão grande.

“‘Kevin’ aims for feel-good humor”, por Robert Lloyd. Crítica sobre a estreia de *Kevin (probably) saves the world*. Sem fonte. Extensão padrão.

- 5 de outubro

“TV premiere ratings take a hit”, por Stephen Battaglio. Fala sobre a queda histórica da audiência ao vivo da TV. Com fonte. Extensão padrão. (Fora da editoria de cultura).

“‘Sheldon’ premieres at the top”, por redação. Fala da audiência de algumas estreias. Sem fonte. Extensão pequena.

- 10 de outubro

“AHS edits gun scene”, por Yvonne Villarreal. Fala sobre a edição de uma cena na série *American Horror Story* por conta da referência ao massacre de Las Vegas, ocorrido há poucos dias. Sem fonte. Extensão pequena.

- 11 de outubro

“New reign is doomed”, por Lorraine Ali, crítica da série *Dynasty*. Sem fontes. Extensão grande.

- 12 de outubro

“Probing the mind of serial killer”, por Meredith Blake. Crítica da série *Mindhunter*. Com fonte. Extensão grande.

“The podcast version is better”, por Robert Lloyd, crítica da série *Lore*, da Amazon. Sem fonte. Extensão grande.

“‘9jkl’ premiere is top among peers”, por redação. Um balanço da audiência de séries de comédia. Sem Fontes. Extensão pequena

- 14 de outubro

“Shaky path to stardom”, por Robert Lloyd. Crítica da série *White Famous*, Sem fonte. Extensão padrão.

- 16 de outubro

“Staying sober with humor”, por Robert Lloyd. Crítica da série *Loudermilk*. Sem fonte. Extensão grande.

- 17 de outubro

“A grumpy guru leads the path to sobriety”, Robert Lloyd. Crítica da série *Loudermilk*, Sem fonte. Extensão grande.

- 20 de outubro

“‘The Punisher’ to debut Nov. 17”, por Libby Hill. Fala sobre a estreia da nova série da Netflix. Sem fontes. Extensão pequena.

- 25 de outubro

“Hulu has surprise shuffle at top”, por Meg James e Ryan Faughnder. Fala sobre a produção de séries pelo streaming do Hulu com executivos que eram da Fox. Com fontes. Extensão grande.

- 26 de outubro

“And, yes, things will get even stranger”, por Lorraine Ali. Crítica sobre a nova temporada de *Stranger things*. Sem fontes. Extensão grande.

- 27 de outubro

“‘Stranger’ gets after-show”, por Nardine Saad. Fala sobre o novo programa da Netflix para debater série *Stranger Things*. Sem fontes. Extensão pequena.

- 29 de outubro

“S.W.A.T. reboot’s new team”, por Sarah Rodman. Fala sobre a nova série *S.W.A.T.*, com fontes. Extensão grande.

- 30 de outubro

“A horror hit’s sonic tuneup”, por Randall Roberts. Fala sobre o trabalho de construção da trilha sonora na série *Stranger things*. Com fontes. Extensão padrão.

The Washington Post

Total: 80 dias (o jornal não disponibiliza, em arquivo, on-line gratuito a versão de domingos)

Maio: 14 textos

Assunto: Séries (14 textos) – Novelas (0 texto)

Autores: Comuns (14 textos) – Redação (0 texto)

Extensão: Grande (4 textos) – Padrão (6 textos) – Pequeno (4 textos)

Fontes: Com fonte (7 textos) – Sem fonte (7 textos)

Agosto: 13 textos

Assunto: Séries (13 textos) – Novelas (0 texto)

Autores: Comuns (12 textos) – Redação (1 texto)

Extensão: Grande (6 textos) – Padrão (5 textos) – Pequeno (2 textos)

Fontes: Com fonte (6 textos) – Sem fonte (7 textos)

Outubro: 8 textos

Assunto: Séries (8 textos) – Novelas (0 texto)

Autores: Comuns (8 textos) – Redação (0 texto)

Extensão: Grande (6 textos) – Padrão (2 textos) – Pequeno (0 texto)

Fontes: Com fonte (5 textos) – Sem fonte (3 textos)

Total: 35 textos

Assunto: Séries (35 textos) – Novelas (0 texto)

Autores: Comuns (34 textos) – Redação (1 texto)

Extensão: Grande (13 textos) – Padrão (14 textos) – Pequeno (8 textos)

Fontes: Com fonte (18 textos) – Sem fonte (17 textos)

Maio

- 1º de maio

“A smaller screen but greater depth for *Dear white people*”, por Bethonie Butler. Fala sobre a série *Dear white people*. Sem fonte. Tamanho padrão

- 2 de maio

“*House of cards* trailer warns ‘one nation, Underwood’”, por Helena Andrews-Dyer e Emily Heil. Fala sobre o trailer da nova temporada de *House of cards*. Sem fonte. Tamanho pequeno.

- 3 de maio

“Educators and school psychologists about *13 Reasons why*”, por Moriah Balingit. Fala sobre a preocupação de educadores sobre a série *13 Reasons why*. Com fonte. Tamanho pequeno. (Fora da editoria de cultura)

- 7 de maio

Domingo, o jornal não veicula publicação.

- 11 de maio

“*Master of none, full of pasta and possibility*”, por Hank Stuever. Fala sobre a estreia da série *Master of none*, da Netflix. Sem fonte. Tamanho padrão.

- 12 de maio

“Feminism by way of sexual desire”, por Hank Stuever. Fala sobre a estreia da série *I love Dick*. Sem fonte. Tamanho grande.

- 15 de maio

“NBC plans to move *This is us* to thursday nights and revive its ‘Must see TV’ brand”, por Emily Yahr. Fala sobre o futuro da grade de programação da emissora NBC. Com fonte. Tamanho padrão.

- 16 de maio

“Russian TV operatives are an american creation”, por Andrew Roth. Fala sobre como as séries na Rússia tem a fórmula das séries norte-americanas. Com fonte. Tamanho grande. (Fora da editoria de cultura).

“Fox unveils its new lineup and explains why it passed on bringing back *American idol*”, por Emily Yahr. Fala sobre as novas séries da emissora Fox. Com fonte. Tamanho pequeno

- 17 de maio

“ABC says *Last man standing* was axed for ‘business and scheduling reasons’, not politics”, por Emily Yahr. Fala sobre a polêmica em relação ao cancelamento da série *Last man standing*. Com fonte. Tamanho padrão.

- 18 de maio

“*2 Broke girls*: Ribald innuendos in short order”, por Emily Yahr. Fala sobre o cancelamento da série *2 Broke girls*. Com fonte. Tamanho padrão.

- 19 de maio

“Will *Dynasty* resonate with millennial viewers?”, por Emily Yahr. Fala sobre as expectativas para a estreia da série *Dynasty*. Com fonte. Tamanho padrão.

“‘Keepers’ delves into killing of nun”, por Hank Stuever. Fala sobre a estreia da série *The Keepers*. Sem fonte. Tamanho grande.

- 29 de maio

“Shonda Rhimes and fair Verona? It’s a no-brainer”, por Bethonie Butler. Crítica da série *Stil-Star crossed*. Sem fonte. Tamanho pequeno.

“Lynch’s *Twin peaks* revival: still weird, still watchable”, por Hank Stuever. Fala sobre a estreia da série *Twin peaks*. Sem fonte. Tamanho grande.

Agosto

- 1º de agosto:

“Web searches on suicide rose after series release”, por Madhumita Murgia. Fala sobre o aumento do número dos casos de pesquisa sobre métodos de suicídio após a exibição da série *13 reasons why* da Netflix. Com fonte. Tamanho padrão. (Fora da editoria de cultura).

“With *Manhunt* and *The Sinner* the end is near. And that’s good”, por Hank Stuever. Fala sobre a possibilidade das séries antológicas ganharem mais espaço na TV. Sem fontes. Tamanho padrão.

- 3 de agosto

“On TV sitcoms. deaths are no laughing matter”, por Bethonie Butler. Fala sobre mortes nas séries de sitcoms ao longo da história. Sem fontes. Tamanho grande.

- 7 de agosto

“Don’t watch *Game of thrones*? Mondays can be irritating”, por Maia Silber. Fala sobre os comentários que a série *Game of thrones* cria nas ruas. Com fonte. Tamanho padrão.

- 9 de agosto

“Letterman to host a new Netflix talk show”, por Sonia Rao. Fala sobre o novo programa do apresentador Letterman. Sem fontes. Tamanho grande.

“A great time for fake news”, por Geoff Edoers. Fala sobre o programa *SNL* e as piadas políticas. Com fonte. Tamanho grande.

- 10 de agosto

“Topic of race rarely brought up on *Bachelorette*”, por Emily Yahr. Fala sobre a falta de diversidade racial no reality show *Bachelorette*. Com fonte. Tamanho padrão.

- 12 de agosto

“This ‘Get shorty’ towers above the film adaptation”, por Hank Stuever. Fala sobre a estreia da série *Get shorty*, do canal Epix. Sem fonte. Tamanho padrão.

- 15 de agosto

“Netflix’s Shondaland deal further challenges cable TV”, por Hanza Sharan. Fala sobre como a produtora terá dificuldades fora da TV aberta após acordo com a Netflix Com fonte, Tamanho pequeno. (Fora da editora de cultura)

- 23 de agosto

“Netflix thrives on its rogue image”, por Hank Stuever. Fala sobre o fato de nenhuma série simbolizar a Netflix e o problema disso. Sem fonte. Tamanho grande.

- 26 de agosto

“Weekend update basks in its ratings”, por redação. Faz um apanhado das últimas estreias de séries na última semana. Sem fonte. Tamanho pequeno.

- 29 de agosto

“Ser Davos can’t wait to learn his fate, either”, por Stephanie Merry. Fala sobre a série *Game of thrones* e o personagem de Ser Devos e suas mudanças ao longo das temporadas. Com fonte. Tamanho grande.

- 31 de agosto

“Bigger Vs. Better”, por Hank Stuever, faz uma análise sobre as principais séries do verão: *Twin peaks* e *Game of thrones*, e conclui que mesmo a segunda tendo mais fama, a primeira é a de maior qualidade. Sem fontes. Tamanho grande.

Outubro

- 2 de outubro

“All in the family”, por Hank Stuever. Crítica da série *9jkl* e o quanto ela é ruim em retratar questões de gênero e religião. Sem fontes. Tamanho grande.

- 6 de outubro

“TV comic is seasoned in skewering Trump”, por Elahe Izadi. Fala sobre como as produções de TV fazem piadas ‘pesadas’ com o presidente Trump. Com fonte. Tamanho padrão.

- 10 de outubro

“McDonald’s is playing catch-up as *Rick & Morty* fans demand its Szechuan Sauce”, por Michael Cavanaugh e Maura Judkis. Fala sobre uma comida da série *Rick & Morty* e um rumor de que ela seria produzida na popular lanchonete. Sem fontes. Tamanho padrão.

- 11 de outubro

“Cast of *The walking dead* talk politics”, por Helena Andrews e Emily Heil. Entrevista com o elenco da série *The walking dead*. Com fontes. Tamanho padrão.

- 14 de outubro

“Stereotypes are never funny”, por Hank Stuever. Uma espécie de reciclagem do texto do dia 2 de outubro, sobre a polêmica de estereótipos na série *9jkl*. Sem fontes. Tamanho pequeno.

- 16 de outubro

“Hosting a ‘Potluck dinner party’”, por Maura Judkis. Fala sobre a nova série *Martha and Snoop’s Potluck dinner party*. Com fonte. Tamanho grande.

- 17 de outubro

“These TV shows capture the spirit of the grouchiest generation”, por Hank Stuever, faz uma análise sobre algumas séries que tem protagonistas e showrunner que fazem parte da geração X, e as características de mensagens destas séries. Sem fontes. Tamanho pequeno.

- 25 de outubro

“The ‘meta’ demise of ‘Good girls revolt’”, por Elahe Izadi. Fala sobre o cancelamento da série *Good girls* após a denúncia do produtor como assediador sexual. Com fontes. Tamanho grande.

11. GRÁFICOS

Gráfico 1: relação do jornal e o número de textos classificados como grande (em cinza). Sendo CB o jornal *Correio Braziliense*; LAT o *Los Angeles Times*, TWP o *The Washington Post* e OG o O Globo.

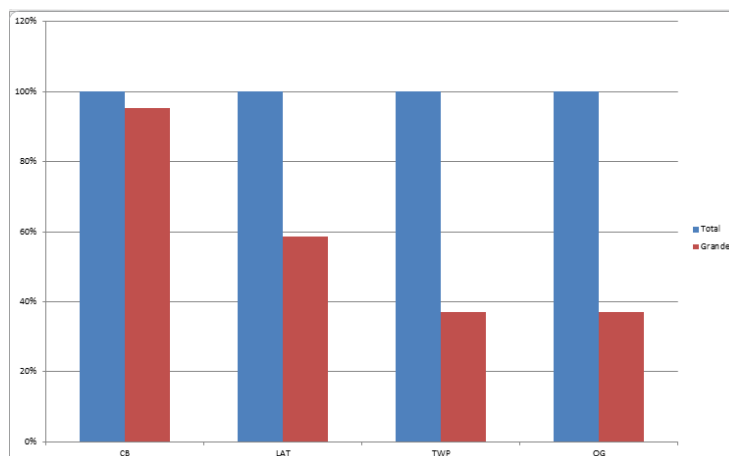


Gráfico 1

Gráfico 2: relação do jornal e o número de textos com fontes (em cinza). Sendo CB o jornal *Correio Braziliense*; LAT o *Los Angeles Times*, TWP o *The Washington Post* e OG o O Globo.

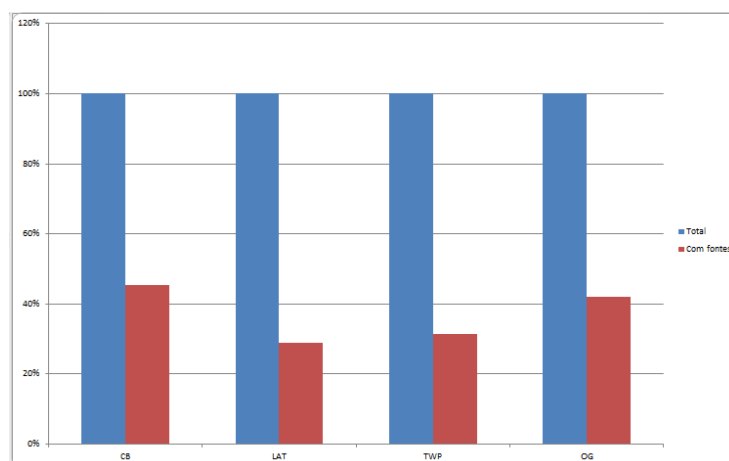


Gráfico 2

Gráfico 3: relação do jornal e o número de textos que abordaram estreias (em cinza). Sendo CB o jornal *Correio Braziliense*; LAT o *Los Angeles Times*, TWP o *The Washington Post* e OG o O Globo.

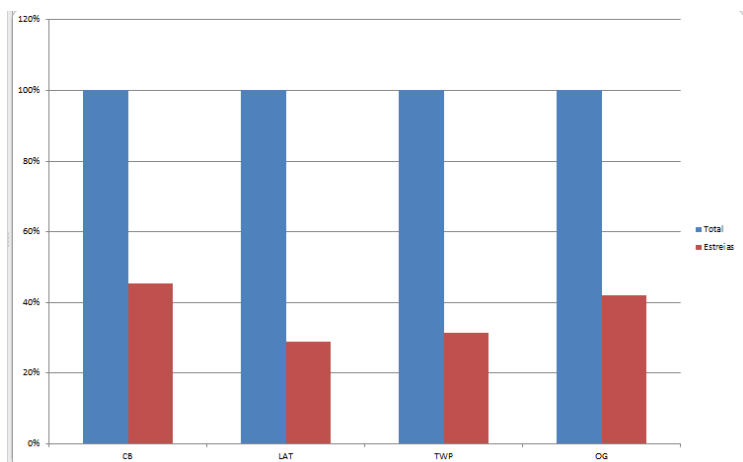


Gráfico 3